



ISSN 2966-0262

Vol. 4/ N 22/ Abril de 2025

O Odisseu

Quem tem medo dos

Identitários?

Quem está
incomodado com a
amplificação de
vozes no debate? E
por quê?

ENTREVISTA COM DOUGLAS BARROS

Autor de "O que é
identitarismo"
(Boitempo)
responde perguntas
de pesquisador da
UFES Filipe Azevedo.

"UM LUGAR ENTRE O CALE-SE E O FALAR"

Murilo Rigaud e Hilário
Zeferino em outra
perspectiva da
psicanálise sobre o
conceito de "Lugar de
Fala"

"A ALDEIA E O MUNDO"

Raique Lucas retoma o
debate em torno da ideia
de "regionalismo" e
"universalismo" na
literatura

"HOMEM COM HOMEM"

Arthus Mehanna resenha
antologia poética
homoerótica masculina
organizada por Ricardo
Domeneck.

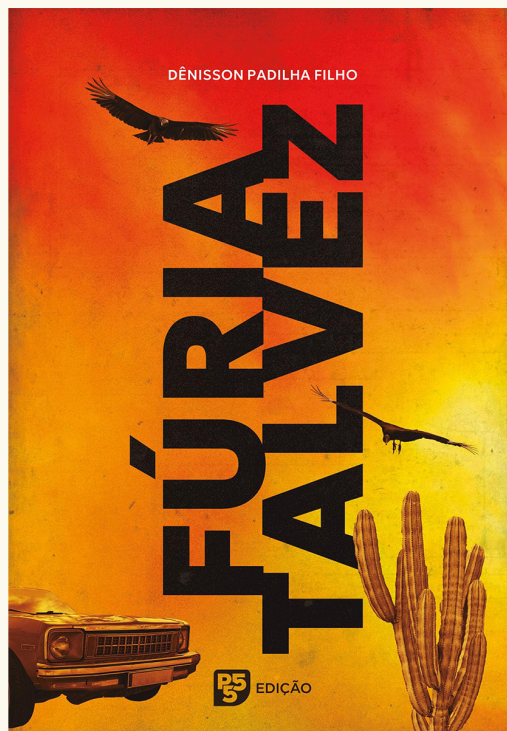


Se Deus chamar ela
não vai: **MARIANA
SALOMÃO
CARRARA**
FOTOGRAFADA POR
DAVI BOAVENTURA





**“Quando da
banalidade surgem
situações
insólitas...”**



**Acesse o QR Code e conheça o
novo livro de contos de
Dênisson Padilha Filho!**

Sumário

Caderno 1

- EDITORIAL: “Quem tem medo dos identitários”, de Ewerton Ulysses Cardoso – p. 4**
- ENSAIO: “Um lugar entre o cale-se e o falar”, de Hilário Zeferino e Murilo Rigaud – p. 6**
- ENSAIO: “A aldeia e o mundo”, de Raique Lucas – p. 10**
- ENSAIO: “Identidade e resistência”, de Arthus Mehanna – p. 15**
- ENSAIO: “Identitarismo não é novidade”, de Lili X – p. 18**
- POESIA: “Soneto do silêncio”, de Pedro Henrique Rodrigues – p. 20**
- RESENHA “HOMEM COM HOMEM”: “Joelhos ralados de homens devotos”, de Arthus Mehanna – p. 21**
- ENTREVISTA COM DOUGLAS BARROS: “O sintoma de uma era”, por Filipe Azevedo – p. 24**
- ENSAIO: “Viagem a um lugar inventado”, de Hyann Pedro**

Caderno 2

- ENTREVISTA COM BRENNO COSTA: “A geração Beat já acabou”, por Ewerton Ulysses Cardoso – p. 31**
- CONVERSA COM MYLENA QUEIROZ: “Isso não é uma entrevista”, por Lili X – p. 33**
- POESIA: 5 poemas de Iris Pongeluppi – p. 36**
- FOTOGRAFIA – MARIANA SALOMÃO CARRARA – “Se Deus chamar ela não vai”, por Davi Boaventura.**
- EXPEDIENTE E AGRADECIMENTOS – p. 39**

Caderno 1: Ítaca



Paulina Chiziane. Foto: Reprodução

EDITORIAL

Quem tem medo dos *identitários*?

Ewerton Ulysses Cardoso

Comunicador, designer, editor-fundador da revista O Odisseu. É ficcionista com contos publicados em antologias e graduando em Letras pela Universidade Federal da Bahia.



Arte de Maicon Aquino (@aquinart)

Escrevo sobre mulheres e logo me chamaram "feminista". Escrevi com os curandeiros, chamaram-me "curandeirista". Escrevi sobre a escravidão e a libertação da África e chamaram-me de "tradicionalista". E o último livro que eu publiquei, que se chama "Voz do Cárcere", escrevi nas paredes da prisão que fui visitar para escrever. Então estou esperando me chamarem de criminosa.

Paulina Chiziane

Preâmbulo parafraseando Paulina Chiziane: "Escrevi sobre mim mesmo e me chamaram de identitário".

Identitarismo talvez seja a nova palavra que caiu na graça de pensadores e acadêmicos de esquerda. É interessante pensar como, até dois anos atrás, a palavra que estava na boca desses mesmos pensadores e acadêmicos era "diversidade". O que se chama hoje de forma pejorativa como "identitarismo", isto é, as pautas de grupos minoritários (negros, mulheres, lgbtqiapn+, indígenas, asiáticos e afins), não se construiu apenas pela força dos grupos sociais. A esquerda também abraçou essas pautas e por muito tempo elas definiram a agenda de partidos progressistas e também de outros campos da arte. Virou um "senso comum", se pensava, pelo óbvio, que deveria se prezar pela diversidade num país que historicamente rejeitou outras vozes que não a do homem branco heterossexual no debate.

A pauta identitária rendeu e rendeu, sobretudo, dinheiro. Campanhas publicitárias aproveitaram ao máximo do assunto que estava no hype, assim como os programas de televisão, as novelas, os filmes e o mercado editorial que, como nunca, começou a publicar autores negros e dos demais grupos dissidentes como uma forma de impulsionar as suas vendas. Apelidou-se esse movimento como a agenda *woke*, uma agenda "desperta", atenta às pautas sociais em tempos pré e pós George Floyd.

Claro, isso incomodaria. Era óbvio. Ninguém que de fato militou nos grupos sociais pensou que o mundo agora seria festa. Os mais despertados já estavam inquietos quanto a esse abraço tão "generoso" da mídia e das grandes empresas ao que se pensava dentro dos movimentos sociais. Isso porque, historicamente, não é assim que funciona. Nenhuma conquista, nenhum direito social a um grupo dissidente foi alcançado senão pelo esforço massivo, pela luta desses povos.

Entretanto, bastou que as primeiras críticas chegassem para que o intelectual de esquerda pertencente a um grupo hegemônico pulasse do barco. As recentes perdas nas eleições em diversos países (com destaque para os Estados Unidos), fez com que se usasse as pautas dos direitos humanos (que eles agora chamam de pautas identitárias) se tornassem culpadas. Nenhuma autocritica foi feita. Nenhuma autocritica foi feita quanto aos escândalos de corrupção desses partidos de esquerda. Nenhuma autocritica foi feita quanto à má gestão desses partidos. Hoje, qualquer perda do campo da esquerda recai sobre os ombros dos grupos identitários. Repentinamente, grupos com tão pouco poder de negociação social passaram a ser os grandes "culpados".

Sim, os "identitários" são o novo bode expiatório porque nunca, em hipótese alguma, um intelectual que seja homem, cis-heterossexual e branco poderia errar. O

EDITORIAL

Hoje, qualquer perda do campo da esquerda recai sobre os ombros dos grupos identitários. Repentinamente, grupos com tão pouco poder de negociação social passaram a ser os grandes culpados.

O erro é sempre o outro.

O "outro" é sempre o grande desconhecido para eles. A branquitude que nunca se enxergou enquanto um conceito social, pensa que "identidade" é apenas o que é diferente deles mesmos. Tomando a sua própria experiência como sendo o "neutro", o "universal", rotulam tudo aquilo que é produzido por um "não hétero, branco, homem" como uma categoria. Na literatura, lê-se isso nos rótulos "literatura negra" ou "literatura lgbtqiapn+" ou "literatura feminina". Não existe, entretanto "literatura branca", categoria que poderia reunir, num mesmo grupo, Faulkner, Flaubert e Fitzgerald, cuja obra não é rotulada pelo seu grupo identitário, mas pela alcunha de "universal". Enquanto Toni Morrison é categorizada como "literatura negra", por falar da própria experiência e dos seus a partir da perspectiva de si no mundo, o mesmo não é dito de Faulkner que faz exatamente a mesma coisa.

O que os grupos identitários fizeram de tão ruim para causar tamanho espanto e tamanha racha no campo progressista? Minha teoria: falaram. Mais que falaram: foram ouvidos. A presença de sujeitos, que antes tiveram suas vidas e subjetividades traçadas por outros, no debate é e sempre foi incômoda. Se o campo progressista tradicional abraçou temporariamente esse discurso, isso se deve, unicamente, pelo fato de que eles não acharam que nós permaneceríamos. Permanecemos, entretanto.

Nós estamos nas listas dos mais vendidos. Nós somos os professores mais procurados. Nós somos os mais premiados agora. Isso foi o suficiente para toda a simpatia por nós cair por terra. Se celebramos o nosso feito, somos arrogantes. Se nos impomos para falar sobre aquilo que vivemos, estamos automaticamente excluindo o outro do debate. Ao definir os limites de nossa trajetória, fizemos aquilo que jamais seria aceito pelos hegemônicos: torná-los dispensáveis quando o assunto é falar de nós.

Ao contrário do que se imagina, não estamos excluindo os outros do debate. Estamos apenas dizendo: se for falar sobre mim, que seja eu falando. Não contentes em falar de si, o desejo de falar pelo outro faz parte do espectro narcísico dos hegemônicos. O gozo da fala, o desejo do aplauso, os fizeram absurdamente perdidos no

momento em que não foram mais consultados. Não aguentaram três anos vivendo um terço do silenciamento vivido historicamente e por séculos pelos negros, indígenas e lgbts+. Não aguentaram se ver na posição de alunos, pois acreditaram que nasceram sabendo.

Se a culpa é nossa, gostaríamos de dizer que não há volta. Não se volta pra senzala, nem pro armário e nem pra cozinha. Viemos para ficar. A partir dessa provocação, o número 22 da revista O Odisseu se põe a pensar: quem tem medo dos "identitários"?



Protesto do movimento Black Lives Matters em 2020. Foto de Colin Lloyd, disponível no Unsplash.

ENSAIO

Um lugar entre o calar-se e o falar

Hilário Zeferino

Artista, crítico literário, pesquisador e preparador de textos. Licenciado em Letras Vernáculas (UFBA), mestre e doutorando em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA), integrante do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI).

**Murilo Rigaud**

Mestrando e pesquisador em Análise de Discurso Materialista (PPGLinC/UFBA), graduado em Letras Vernáculas com língua inglesa na modalidade licenciatura (UFBA), integrante do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI).



*"Eu não sei dizer
Nada por dizer
Então eu escuto*

*Se você disser
Tudo o que quiser
Então eu escuto"*
("Fala", Secos & Molhados).

Há pouco mais de um mês atrás, uma entrevista com a psicanalista Maria Rita Kehl foi ao ar pela TV Brasil no programa Dando a Real com Leandro Demori. Durante a entrevista, muitos assuntos foram abordados entre os interlocutores, dentre eles: a regulamentação das redes sociais, direitos humanos, o trabalho da Comissão Nacional da Verdade, sobre o filme brasileiro de sucesso estrondoso *Ainda Estou Aqui*, o período da Ditadura Militar e o polêmico trecho sobre os movimentos identitários e dos riscos de fragmentação social. E é especificamente sobre esse trecho da entrevista que este texto se debruça.

Maria Rita Kehl é uma intelectual renomada entre os estudiosos da psicanálise por apresentar uma trajetória de destaque e um currículo extenso com publicações que discutem a teoria e a prática psicanalítica, o que justificaria ela ter sido convidada para falar sobre os assuntos debatidos no programa.

Na entrevista, ao ser questionada pelo apresentador sobre o cenário social em que os espectros políticos do Brasil se encontram na crítica às políticas identitárias (colocadas em suas palavras como identitarismo), a convidada argumenta o seguinte sobre o assunto:

[...] o ruim é quando o movimento identitário vira, e por isso que eu escrevi esse "lugar de cale-se", vira uma espécie de nicho em que só os que estão nesse nicho podem falar entre si. Porque daí você se fecha para crítica. Você se fecha para o outro que vem dizer: "olha vocês pensam assim, mas quem sabe se vocês pensarem assim...". Às vezes, é uma colaboração só, não precisa ser uma crítica. "Quem sabe se vocês considerarem assim não dá mais certo?". E o problema dos movimentos identitários é que ele não produz laço social [sic]. Só



Castiel Vitorino Brasileiro, sem título, da série *Corpo Flor*, 2022.

ENSAIO

dentro do movimento. E aqui no Brasil talvez nem seja tão organizado quanto nos Estados Unidos. O que ele produz é uma estagnação do diálogo. Eu posso, eu mulher de classe média, descendente de alemão, branca, eu posso criticar o negro, se ele estiver espancando o filho dele, por exemplo. Eu posso tentar interferir, e ele pode responder "não se mete na minha vida". Tá, é legítimo. Agora, se ele diz "você não pode falar porque você é branca", eu acho que isso não vai dar certo. Ao mesmo tempo eu tenho esperança que isso não vai muito longe porque a tendência é poder falar com o outro, é muito grande. Isso nos caracteriza como humanidade inclusive. Mas isso vai criando nichos narcísicos; narcísicos no sentido que só nós nos amamos, o outro é uma porcaria. E eu espero, eu estou sendo bem simplista, até porque eu não estudei muito, mas escrevi esse "lugar de cale-se" na Carta Capital, que você não pode falar sobre minhas ideias porque você é branca e eu sou negro; ou porque você é mulher e eu sou homem, ou porque você é homem e eu sou mulher. Enfim, acho que isso que falei acho que resume. [...]¹

A partir da resposta da psicanalista, duas palavras chamam a atenção pela centralidade no discurso proferido, sendo elas: "movimentos identitários" (identitarismo) e "lugar de cale-se" - em oposição ao termo "lugar de falar", difundido pela filósofa Djamila Ribeiro. Além disso, o exemplo trazido por Kehl de "um negro batendo em seu filho" foi outro dizer que gerou uma reação de crítica à cena exibida.

Diante da comoção que esse episódio causou na internet e fora dela, corroborando para muitos com que a entrevistada afirmou sobre o identitarismo, uma reflexão aparece como latente para os dias da segunda década do século XXI, que é uma continuação de discussões oriundas do século passado: quando algo pode ser dito por alguém?

Essa pergunta nos coloca diante de três grandezas: o sujeito, o sentido e o tempo. Essas três grandezas se articulam entre si quando algo é dito. O dito é sempre de uma ordem ideológica e histórica porque tudo aquilo que é dito acontece dentro de uma possibilidade material da História, da língua e é delimitado pela ideologia, que interpela aquele que diz. O sentido de um dizer, então, é sempre orientado pela ideologia de quem o diz. Uma pessoa que se identifica com o espectro político de esquerda, em teoria, jamais diria que a classe trabalhadora é formada por um bando de vagabundos que não querem saber de trabalho. Por sua vez, uma pessoa de direita jamais falará, em teoria, que o fortalecimento da economia virá pelo fortalecimento do Estado. Porém, é possível escutar essas hipocrisias e contradições, isto é, ouvir pessoas dizendo o inesperado, algo que contrasta com quem eles dizem quem são. E elas acontecem mais comumente do que imaginamos. Mas por que será que isso acontece? A psicanálise ajuda a responder essa pergunta quando afirma que o sujeito não é tão coerente e unívoco como se imagina ao teorizar sobre o inconsciente.

O inconsciente revela que há um Outro na constituição do sujeito. Desse modo, não controlamos tanto quanto gostaríamos o nosso dizer como é comum de se pensar. E é justamente por causa desse descontrole que algo impensável pode vir à tona, surpreendendo quem escuta o que é falado.



Marcha das mulheres, em 21 de janeiro de 2017. Foto de Leah L. Jones (Via National Museum of African American History and Culture)

O desenvolvimento dos estudos feministas nos Estados Unidos e seus efeitos no Brasil nos trouxeram a questão com a qual nos deparamos no incômodo apresentado por Maria Rita Kehl em sua entrevista. No que ela compreende, o que chega aqui como "lugar de fala", conforme tradução mobilizada em território nacional, produziria um "lugar de cale-se" para quem não faria parte, como ela chama na entrevista, de determinados "nichos narcísicos". Dentro dessa seara, desejamos retornar de forma muito sucinta a questões relativas à tradução do termo "positionality" [posicionalidade]:

Posicionalidade se refere a onde alguém se localiza em relação a suas várias identidades sociais (gênero, raça, classe, etnia, se é uma pessoa com deficiência ou não, localização geográfica etc.); a combinação dessas identidades e suas interseções moldam como entendemos e nos relacionamos com o mundo, incluindo nossos conhecimentos, perspectivas e práticas de ensino (Queens, [2020?]).²

¹ trecho transcrito do vídeo "Psicanalista Maria Rita Kehl é a convidada do Dando a Real com Leandro Demori", a partir dos minutos 44:53 até 47:03, disponível no canal TV Brasil no Youtube. Acesso em: 25 de março de 2025.

² No texto de partida: "Positionality refers to where one is located in relation to their various social identities (gender, race, class, ethnicity, ability, geographical location etc.); the combination of these identities and their intersections shape how we understand and engage with the world, including our knowledges, perspectives, and teaching practices".

ENSAIO

Com isso, o que queremos dizer é que todas as pessoas invariavelmente se posicionam em relação à várias formações de identidades sociais, mesmo mulheres brancas, tal como a psicanalista se refere a si mesma - ou, se quisermos, todas as pessoas têm lugar de fala, elas têm um lugar a partir do qual falam e esse lugar diz também de sua relação com o mundo e com as outras pessoas. Qual o problema, então?

Em seu artigo "O problema de falar pelas outras pessoas", Linda Alcoff (2020, p. 415) nos diz que:

Tanto na prática de falar por, quanto de falar sobre os/as outros/as, estou me envolvendo no ato de representar as necessidades, metas, situação e, de fato, quem são os/as outros/as. Eu os/as represento enquanto tal e como tal, ou, em termos pós-estruturalistas, estou participando da construção de suas posições de sujeito.

O que se produziu no Brasil, então, com os debates ao redor da posicionalidade e do lugar de fala foi a ascensão dos discursos produzidos a partir de pessoas que experienciam determinadas configurações de relação posicionais e que não encontravam (ou não encontram, ainda) espaços ou momentos para colocar em diálogo questões que fazem parte do seu conhecimento. Com isso, estamos apontando para a apresentação desses sujeitos, não mais tanto ou apenas para a sua representação. Por fim, determinadas posições estariam se sobrepondo a outras e estariam também, nos momentos atuais em que vivemos e diante de tudo o que dissemos até agora, sendo reposicionadas. Isso, evidentemente, produz crises, uma vez que a transitividade irrestrita de falas encontra interdições, esse choque, se entendemos bem, é o que produz em Maria Rita Kehl o pensamento sobre "lugar de cale-se". É importante dizer, ainda, que "não existe nos movimentos políticos uma vontade de censura, mas não é possível mais falar sem receber as consequências de suas palavras na sua conta" (Amorim; Zeferino, 2025).

Se há um lugar de fala, e até de cale-se, nós perguntamos: há um lugar de escuta? A prática psicanalítica acontece entre sessões onde quem está sob análise fala (quando há transferência) e o ou a analista diz apenas o necessário para o momento daquele encontro. Dentro do espaço analítico, a elaboração é trabalho de quem fala associando livremente, pois é o inconsciente que demanda análise. Por sua vez, o ou a analista assume uma posição mais objetual diante das queixas escutadas para promover uma escuta de si no paciente. O silêncio do analista, então, assume um valor importante porque quando ele é suspenso algo de relevante será sinalizado.

Na entrevista, Maria Rita Kehl não está como psicanalista do entrevistador, muito pelo contrário, está como entrevistada. Naquele momento, espera-se que ela responda as perguntas. E assim ela o faz. Em turnos dialógicos, Demori assume o papel de quem escuta, assim como os telespectadores.

Se há alguém falando, presume-se que há alguém escutando. E se há alguém que escute para além e por detrás do dizer é o ou a psicanalista. Freud descobriu um "órgão" invisível tão inerente ao ser humano quanto o DNA ao escutar as históricas de Viena (2016 [1893]). E essa

descoberta foi possível quando ele se calou, quando o silêncio foi usado como resposta. Mas em uma entrevista o silêncio é indesejado.

"Lugar de cale-se" é usado como um termo que resume um comportamento de negação ao dizer do outro, quando um grupo escuta apenas os seus "iguais". Um nome curioso porque é estruturado no imperativo com uma marca de reflexividade, isto é, o sujeito censura a si próprio por uma ordem de alguém. Essa crítica direcionada aos movimentos identitários de esquerda não leva em consideração que esses movimentos são compostos por minorias sociais que sempre escutaram e foram caladas, mas que começaram a falar há pouco tempo. E agora querem ser escutadas também; querem experienciar o vibrar das cordas vocais que estavam emudecidas. São pessoas que agora erguem a voz, como nos diz bell hooks.

Uma sociedade democrática necessita do diálogo para perdurar. Contudo, há uma diferença entre dialogar e querer falar pelo outro. Ao perguntar se pode o subalterno falar, a intelectual indiana Gayatri Chakravorty Spivak mostra como o ato de fala não é um ato qualquer, mas também um ato de poder, pois ao falar deixa-se a condição de subalternidade. Nessa perspectiva, a negação da fala do outro, que pode ser simbolizado como Outro, é um ato de defesa por um lado, um receio de voltar ao lugar de cale-se.

Há de se reconhecer que há um perigo nessa postura, pois ela aparenta uma inversão espelhada da violência sofrida. Todavia, deslocamentos de sintomas não acontecem de uma hora para outra. Se os grupos sociais se comportam como nichos narcísicos, somente após muita fala e muito mais escuta que algo ressoará e abrirá um caminho para possibilidade de mudança. Desse modo, o lugar de escuta parece ser a posição mais urgente e razoável para um tempo histórico em que o sujeito é convocado constantemente a falar um pouco sobre tudo, e como diz o jargão psicanalítico: "tudo é muita coisa".

O que dissemos antes pode ser agora dito novamente e de outra forma: quem fala ou escreve não está em suspensão no ar, mas está, como nos afirma o pensador da Martinica, Édouard Glissant, constituído e constituinte a partir da relação com as localizações em relação às várias identidades sociais que citamos anteriormente.

**Se há um lugar de
fala, e até de cale-se,
nós perguntamos:
há um lugar de
escuta?**

ENSAIO

Outro teórico que permite uma articulação com a problemática levantada é Michel Pêcheux (2009). De acordo com o fundador da corrente teórica da Análise de Discurso Materialista, todo dizer é ideológico. Apesar da identificação ideológica não ser uma preocupação de um trabalho psicanalítico, a ideologia está sempre presente nas associações livres de quem está em análise, desenhada na teia do simbólico e do imaginário, sob e fora do divã.

Quando alguém fala também expressa uma significação de si e do mundo concomitantemente. O uso da linguagem não é uma mera visão de mundo ou um ato ingênuo, ele é uma prática sobre o Real. Por isso, ao dizer "[e]u posso, eu mulher de classe média, descendente de alemão, branca, eu posso criticar o negro, se ele estiver espancando o filho dele, por exemplo..." Kehl aciona uma memória de sentido racista em decorrência da escolha e da organização das palavras presentes em seu dizer. Pontuar esse efeito de sentido não é necessariamente um ato de cancelamento, afinal de contas, nas sociedades modernas, o racismo é parte constituinte das relações que se estabelecem. Repetir o dito para quem o diz é um modo de tornar consciente o inconsciente, e psicanalistas bem sabem disso.

O trabalho analítico é delicado e requer uma quantidade de sensibilidade que não podemos mensurar em poucas palavras, contudo, um último aspecto ainda nos chama atenção. Embora dedique-se a ocupar ou talvez exercer a função de objeto de escuta, garantindo que quem está em análise realize todo o trabalho de elaboração do que faz parte do ambiente de uma sessão de análise, o ou a analista não deixa também de estar ali ainda enquanto objeto, corpo sensível.

Em sua entrevista "A minha imaginação não se distingue da minha identidade", em que dialoga com perguntas feitas por Stephanie Borges, quando questionada se ser negra constitui sua visão de mundo, a escritora angolano-portuguesa Djaimilia Pereira de Almeida (2023, p.46) nos diz que:

Certamente constitui. Mas não constitui porque a cor da pele é uma coisa essencial... Não! Constitui porque isso faz parte do que essas pessoas serão, e portanto isso condiciona toda a sua mundividência, condiciona toda a sua sensibilidade, condiciona a sua experiência de estar vivo desde sempre.

Repetir o dito para quem o diz é um modo de tornar consciente o inconsciente, e psicanalistas bem sabem disso.

A cor da pele, para Djaimilia, não seria um constituinte essencial dela ou de qualquer pessoa, mas seria mais um elemento que significa e que faz parte das relações que se estabelecem em sociedade. O que queremos apontar, na dinâmica do lugar de escuta, é que ele precisa ser genuíno e sensível, atento ao que constitui e condiciona a sensibilidade. A escuta puramente mecânica, no sentido de recepção de ondas sonoras, talvez não localize a constituição do condicionamento sensível do ou da analista quando recebe o que é falado em sessões de análise por quem está elaborando sua própria vida e existência. Isso não significa dizer que o ou a analista deva se pautar em sessões, mas apontamos aqui para a importância existente no ou na analista de mover-se socialmente e de se propor a conhecer o mundo e suas arenas abertas de debate, de forma a, quando escutar, ter a possibilidade de estar em sensibilidade para além de sua posicionalidade.

Por fim, esse texto buscou suscitar algumas reflexões a partir do momento que o questionamento sobre quem pode falar sobre o quê é colocado como uma questão do nosso tempo. Diante de gritos, interrupções, falas e silenciamentos, a escuta ganha uma importância maior do que sempre teve. Além disso, ressaltamos como não controlamos totalmente o sentido daquilo que queremos dizer porque há inconsciente, há história, há língua viva no discursar, mas isso não significa que não devemos ser responsabilizados por isso. Aquilo que é dito sempre carregará um sentido de ordem histórica, bem como quem o diz. Certos dizeres na boca de certas pessoas possuem efeitos de sentido outros de que quando ditos na boca de outrem porque o lugar do qual se fala também possui uma historicidade. E por mais que muitas das vezes possamos sentir uma vontade de escapar desses sentidos pré-estabelecidos antes da nossa existência, não há como viver fora deles. Então, nos resta esticá-los e deslizá-los até que algo mude ou rompa. Repetir, repetir, repetir até repetir diferente, repetir uma palavra até que ela soe estranha aos ouvidos, forjando novos lugares e sujeitos de fala e, sobretudo, de escuta.

REFERÊNCIAS

- ALCOFF, Linda. Cultural Feminism Versus Post-Structuralism: The Identity Crisis in Feminist Theory. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* V.13, n.3, 1988.
- ALCOFF, Linda. O problema de falar por outras pessoas. Trad. SILVA, V. R. C. da S.; ZEFERINO, H. M. dos S.; CHAGAS, A. C. C. S. das. Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 409-438, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8762>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. A minha imaginação não se distingue da minha identidade. In: ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo - ensaios. São Paulo: Fósforo, 2023.
- AMORIM, Bruno da Silva; ZEFERINO, Hilário Mariano dos Santos. Freud Explica, Lacan Complica, e Kehl Reclama: A Branquitude Desonesta em Análise e a Fantasia da Perseguição Identitária. Blog da Glac Edições. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.glaceditoes.com/post/freud-explica-lacan-complica-kehl-reclama-bruno-da-silva-amorim-hil%C3%A1rio-zeferino>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria: (1893-1895). 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.
- GLISSANT, Édouard. Línguas e linguagens. In: GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1975].
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- QUEENS University. Positionality statement. [2020?] Disponível em: <https://www.queensu.ca/ctl/resources/equity-diversity-inclusivity/positionality-statement>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ENSAIO

A aldeia e o mundo

ENTRE A CULTURA LOCAL E O UNIVERSALISMO DA CULTURA

Raíque Lucas de J Correia

Advogado e escritor. Autor de 'Direito, Literatura & Sertão: Perspectivas Decoloniais a partir do Romance d'A Pedra do Reino de Ariano Suassuna' (Editora Porta). Pesquisador visitante na Universidad de Ixtlahuaca CUI. É doutorando e mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador, além de pós-graduado em Gestão Social e Políticas Públicas do Patrimônio Cultural pela Universidade Federal da Bahia.



Pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara (Foto: FUNDHAM)

"Pinte bem a sua aldeia, que você será universal". Esta frase, atribuída a Tolstói e diversas vezes mencionada por Ariano Suassuna, talvez seja o melhor mote para iniciar um texto que pretende discutir, com todas as vacilações inerentes a uma tarefa como essa, a (falsa) oposição entre o *local* e o *universal* nos campos da arte e da cultura. Será que existe, de fato, uma cultura universal? Em que consistiria essa cultura? Toda cultura e, portanto, tudo aquilo que dela emana na forma de arte, não seria, desde o seu nascedouro, fruto de um saber local? Essas são apenas algumas questões que atravessam esse debate e que nos faz repensar, inclusive, se de fato existe, como anunciou Goethe há quase dois séculos, uma assim chamada "literatura mundial" (*Weltliteratur*).

É interessante notar que, na acepção de Goethe, a "literatura mundial" que aflorava em sua época entre franceses, italianos, alemães e ingleses, se dava ao fato de que as nações e povos já não estavam mais tão isolados, de modo que um "espírito cosmopolita e supranacional" começava a pairar sobre os poetas e escritores, anunciando, ao mesmo tempo, uma tendência e uma exigência. A tendência era de que o "culto ao nacional" estava perdendo espaço para um movimento de maior "universalismo" e intercâmbio entre diferentes culturas. A exigência, por sua vez, era de que os escritores fossem

exortados a que não se limitassem apenas aos horizontes de suas próprias tradições nacionais e origens localistas, mas buscassem ampliar suas perspectivas em busca daquilo que fosse mais "universalmente humano".

Sem dúvida, há muito o que aprofundar nesse tema, não só a partir do próprio Goethe, mas também da ideia que hoje temos do que significa "literatura mundial". Geralmente, mesmo a despeito do que pensava o autor do *Fausto* sobre o assunto,¹ encontramos sempre aqui e ali uma lista, um catálogo, do que seria o cânone da "literatura mundial". Aparecem nomes como o do próprio Goethe, mas também Tostói, Dostoiévski, Gogol, Cervantes, James Joyce, Proust, Stendhal etc. Todos são de fato grandes escritores e escreveram sobre dramas humanos com os quais todos podemos nos identificar.

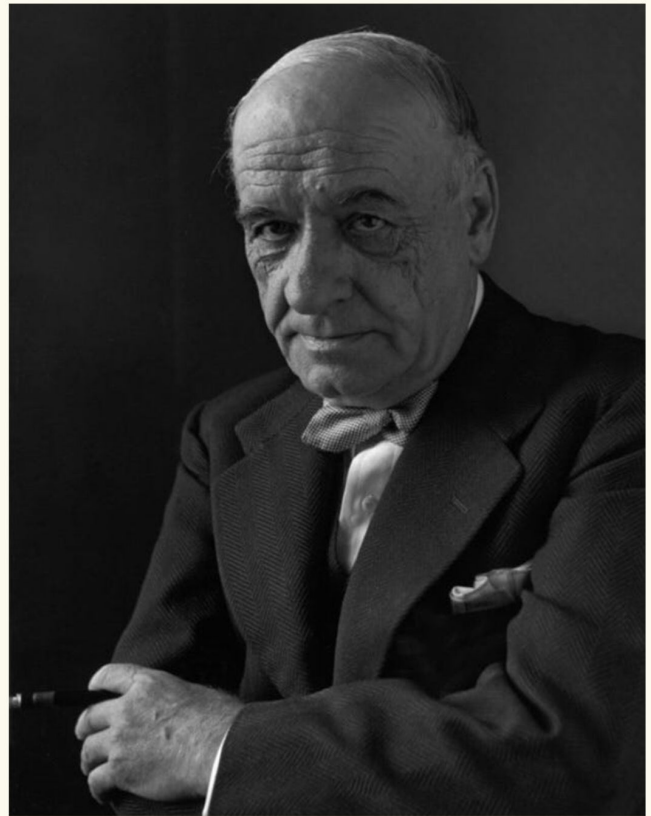
¹Segundo Izabela Kestler (In: O conceito de literatura universal em Goethe. Revista Cult, v. 130, São Paulo, 2008, p. 48), "Goethe entende *Weltliteratur* não no sentido de um cânone literário de obras exemplares e muito menos no sentido de um sumário quantitativo sempre crescente de obras literárias de todas as épocas e lugares. Goethe denomina de *Weltliteratur* o que atualmente chamamos de intercâmbio e comunicação intercultural, nos quais se manifestaria o que há em comum entre as diferentes culturas, sem que se apague a individualidade que se baseia em diferenças nacionais. No sentido prático, *Weltliteratur* se refere à tarefa dos escritores e poetas, que devem fomentar o intercâmbio intelectual através de traduções, resenhas, discussões e encontros pessoais".

ENSAIO

Goethe não está errado, portanto, em proclamar à luz do seu humanismo, por mais controvérsias que daí possamos extrair, que existe um "comum universal". Mas o que não podemos esquecer é que, a única forma de nos ligarmos à humanidade em geral é através do "chão subterrâneo" da nossa cultura, isto é, das experiências e saberes locais. A "literatura mundial", de um modo ou de outro, seja como espírito, seja como cânone, só existe porque, antes dela, podemos falar em uma "literatura nacional" ou "regional". O "localismo" só se opõe ao "universalismo" na medida em que aquele se torna uma ostra, daí a crítica acertada de Goethe; mas para além desse "localismo" deturpado, cego e reativo, existe também um "localismo" *polifônico*, gregário, aberto para o mundo, para si e para o diferente.

É preciso olhar para dentro para melhor compreender o que está fora, e é preciso olhar para fora para entender melhor o que está dentro. É na *dialética* que o "localismo" se apresenta não como a negação do mundo exterior, do "universal", mas, ao contrário, se afirma como parte dele. Da mesma forma, o "universalismo" que almejamos não é uma abstração vazia, um invólucro vazio, mas uma *síntese* concreta e enraizada daquilo que nos identifica como humanidade tanto quanto daquilo que nos diferencia (para o bem da diversidade) como pessoas, povos e nações.

A Arte existe, em qualquer tempo e lugar, porque o ser humano sente inevitável necessidade de dar uma resposta, por mais inconclusiva que seja, àquelas angústias que se tumultuam no âmago do seu Ser. Se isso é verdade, também é verdade que a forma como busca decifrar esses segredos mais recônditos não se descola do seu universo particular e do horizonte que tem diante de si. Só podemos interpretar o mundo desde uma realidade específica, desde o chão sobre o qual pisamos, e esse chão é o chão da "cultura local" — "eu sou eu e minha circunstância", escreveu Ortega y Gasset;² não me confundo com a realidade à minha volta, mas dela sou inseparável. Logo, o que torna uma obra de arte "universal" não é sua suposta ligação com uma igualmente suposta "cultura universal". Como explica Suassuna, a "universalidade" de uma obra de arte se expressa não em sua adequação a supostos padrões universais de produção, mas sim na autenticidade com que ela expressa a Beleza, partindo do mundo real e particular de cada artista, mas que por isso mesmo dialoga com as paixões humanas fundamentais: "A Arte parte do homem, é expressão do homem, isto é, de um ser total que, ao empreender a criação da obra, lhe imprimirá necessariamente a marca de sua pessoa inteira — marca erótica ou obscena se isso é coisa importante no mundo do autor; religiosa se se trata de um homem cujas ideias são fundamentalmente assinaladas por preocupações religiosas; política ou social se suas preocupações fundamentais são essas. O que interessa é que a Beleza seja criada a partir do mundo real e do mundo particular de cada um". A função permanente da Arte, nesse sentido, não é outra senão, como bem definiu Ernst Fischer,³ a de "recriar para a experiência de cada indivíduo a plenitude daquilo que ele não é, isto é, a experiência da humanidade em geral".



O ensaísta espanhol Ortega y Gasset (reprodução)

Vejamos o caso de Cervantes, ou de Dostoiévski e Gogol. Em *Dom Quixote*, o leitor encontra uma narrativa que o aproxima da Espanha de Cervantes, com seus moinhos de vento e castelos. Mas por que um personagem tão castelhano como aquele fidalgo de La Mancha nos transporta para sua realidade tão facilmente, a ponto de, mesmo tão distantes, nos sentirmos como ele? Não é que nos tornamos espanhóis, não é que os moinhos de vento evoquem nostalgia de moinhos que nunca vimos, mas nos ligamos a Quixote pela via do sonho, o sonho que é próprio de todos nós. Assim, é pela qualidade da escrita de um Cervantes e pela quantidade de sonho humano ali depositado, que *Dom Quixote* se "universaliza", mantendo, evidentemente, as suas características "localistas". Também aí podemos falar de *Almas Mortas* ou *Os Irmãos Karamázov*, em que a Rússia com seus vastos campos e palácios bizantinos não poderia nos aparecer mais ávida e resplandecente. Nós que não somos russos ou que nunca vimos tais paisagens antes, nós que podemos estranhar por falta de costume nomes como Chichikov e Aliócha, nos aproximamos dessas personagens tão distantes porque vemos nelas nossa humana condição retratada; nossos vícios e corrupções, nossa ganância e frivolidades, nossa devassidão e imoralidades, nosso ceticismo e nossa fé.

O espanhol Cervantes e os russos Dostoiévski e Gogol, estavam escrevendo literatura espanhola e literatura russa, respectivamente, não "literatura

² ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967, p. 52.

³ FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 252.

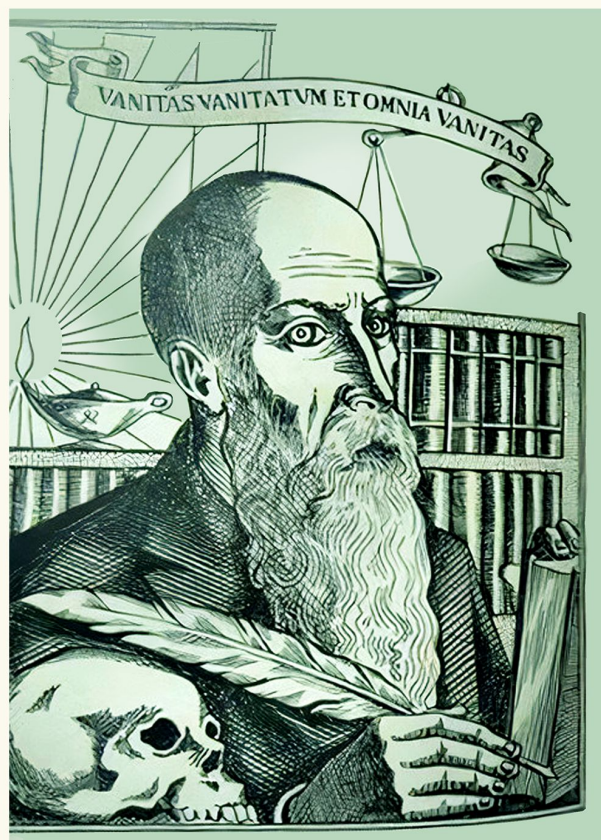
ENSAIO

mundial", quando conceberam suas obras literárias universais. Não se basearam em uma suposta "cultura universal", mas em suas próprias circunstâncias, pintores de suas próprias "aldeias", de uma aldeia que é mundo, de um mundo que é do tamanho de uma aldeia.

O mesmo vale para *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, onde a aldeia é, na verdade, o próprio Sertão — um Sertão que é sem-lugar e que está em toda parte. *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *O Quinze* de Raquel de Queiroz, *Fogo Morto* de José Lins do Rego, *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, entre tantos outros inúmeros títulos e clássicos da literatura brasileira que são também obras universais. É claro que, para um japonês, por exemplo, um cangaceiro pode parecer tão incomum quanto para nós um samurai. A paisagem da caatinga não é bem o cenário dos campos de arroz ou das regiões de florestas e montanhas do Japão. Mas a luta pela honra e pela sobrevivência, as batalhas de sangue, os conflitos entre famílias e de terra, o medo, a coragem, a lealdade, a traição, tudo isso faz parte de uma mesma linguagem pela qual, seja através de um filme do Kurosawa ou de Glauber Rocha, o sentido do humano se revela, com tudo o que tem de real e imaginário, de sofrível e glorioso, de trágico e cômico, de cruel e sublime, de efêmero e eterno. Por essa via, o cangaceiro e o samurai, tais quais o agregado e o operário dos versos de Patativa do Assaré, "vão no mesmo itinerário", cada um com sua sina, cada um com suas marcas; e *"embora um do outro ausente, o que um sente o outro sente, se queimam na mesma brasa e vivem na mesma Guerra"*... Um, vestindo sua grande armadura (*ô-yoroi*); outro, com seu gibão de couro. Não importa: lá vão eles para a luta, demasiadamente guerreiros, demasiadamente humanos.

Se os cenários e personagens mudam de um lugar para outro, é porque os indivíduos, imersos na racionalidade própria de suas comunidades, enraizados em suas circunstâncias, cosmogonias, realidades, culturas e modos de vida, encontram uma forma diferente de interpretar o mundo e enfrentar o trágico da existência. Mas essas diferenças que nos singularizam, também nos aproximam. Todos sofremos, choramos, rimos, sentimos dor, amamos; carregamos vícios e virtudes, estamos sujeitos a toda má-sorte de aflições — todos remando no mesmo barco, todos representando no mesmo palco, todos à espera da derradeira sentença: o inevitável encontro, como diria Chicó,⁴ "com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre".

Em *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens*, Matias Aires, alinhado com a metáfora barroca do teatro como palco do mundo e da vida humana como encenação, melhor descreve a farsa e tragédia da nossa vida: "A vaidade, e a fortuna são as que governam a farsa desta vida; cada um se põe no teatro com a pompa, com que fortuna, e a vaidade o põem; ninguém escolhe o papel; cada um recebe o que lhe dão. Aquele que sai sem fausto, nem cortejo, e que logo no rosto indica, que é sujeito à dor, à aflição, e à miséria, esse é o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinela, em uma mão tem o relógio do tempo, na outra a foice fatal, e com esta



Gravura de 1777 representando Matias Aires (reprodução)

e com esta de um golpe certo, e inevitável, dá fim à tragédia, corre a cortina, e desaparece: a fortuna, e a vaidade, que veem desbaratada a cena, caídas por terra as aparências, prostrados os atores, emudecido o coro, trocados os clarins em flautas tristes, os hinos em trenos, os cânticos em elegias, e em epitáfios os emblemas; as rosas encarnadas convertidas em lírios roxos, os girassóis em desmaiadas açucenas, entrelaçados os louros no cipreste, os cajados confundidos, com os cetros, e com o burel a púrpura; a vaidade pois, e a fortuna, que em menos de um instante viram desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte, precipitadamente fogem, e deixam um lugar cheio de horror, e sombras, e donde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabam as suas glórias, e só assim acaba a sua vaidade".⁵

Diante do breve percurso até aqui trilhado, a essa altura já deve estar claro que toda obra de arte considerada "universal" é, na verdade, um produto "regional", moldado pela cultura e saberes locais que, pela qualidade e divulgação, se universalizou. Assim, conforme preconizava Ariano Suassuna⁶ na esteira do seu moderníssimo e regionalíssimo Movimento Armorial, "se conseguirmos expressar o que é nosso com a qualidade artística necessária, estaremos seguindo o único caminho capaz de levar a verdadeira

⁴ SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 55.

⁵ AIRES, Matias. *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 101-102.

⁶ SUASSUNA, Ariano. *O Movimento Armorial*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1974, p. 67.

Arte Universal — aquela que, partindo do nacional, se universaliza pela boa qualidade”. Para tanto, precisamos estar atentos também a outros fatores, sobretudo àqueles de ordem econômica e ideológica, já que a construção do que se entende por “cultura universal” em um mundo dominado pelo capitalismo e pela lógica de mercado, também implica a imposição de padrões hegemônicos que determinam quais expressões culturais e obras de arte terão condições de serem difundidas, independentemente da qualidade e quase sempre visando interesses puramente comerciais.

Eis o que Adorno e Horkheimer⁷ definiram como “Indústria Cultural”, referindo-se ao processo pelo qual a cultura e, dentro disso, as obras de arte, se tornam mercadorias e são submetidas à lógica da produção capitalista, transformando-se em produtos comercializáveis. Essa padronização não apenas elimina as distinções entre o universal e o particular, mas também impõe aos indivíduos a falsa identidade entre ambos, reforçando a ideia de que, como apontam Adorno e Horkheimer, “toda cultura de massas é idêntica”, é dizer: as produções culturais voltadas para as massas são “fabricadas” obedecendo sempre a um mesmo padrão homogeneizador, isto é, de acordo com os interesses políticos e econômicos dominantes. É a rentabilidade do negócio que importa mais do que a necessidade social dos produtos. Seu conteúdo resta esvaziado e a “arte” que se (re)produz não é menos identificada com a propaganda, nem com os interesses mercadológicos que a promovem.

Em linhas gerais, como esboça Della Torre,⁸ a “Indústria Cultural” revela um duplo sentido: material e cultural. Por um lado, ela opera como qualquer outra indústria monopolizada no capitalismo, destacando-se pela concentração de capital; por outro, trata-se de uma indústria cujo produto principal é a “cultura”, ou o que se entende, nos termos da Indústria, por “entretenimento”. Na explicação de Ernst Fischer, “o lucro obtido na satisfação dessa demanda por entretenimento é o alvo principal dos produtores e distribuidores da chamada ‘arte para as massas’ no mundo capitalista”. Além disso, segundo Della Torre, a Indústria Cultural impõe sua lógica às demais esferas da vida, razão pela qual funciona para além do trabalho (ainda que a ele relacionado) como a “principal instância de socialização do capitalismo”, desempenhando também aí uma função política primordial.

A mercantilização da cultura retira da “arte” a sua autonomia e a transforma em mais um produto dentro da lógica mercantil, se tornando um instrumento de manutenção dos valores e estruturas estabelecidas. Nesse sentido, como esclarecem Adorno e Horkheimer,⁹ “o novo não é [necessariamente] o caráter mercantil da obra de arte, mas o fato de que, hoje, ele se declara deliberadamente como tal, e é o fato de que a arte renega sua própria autonomia, incluindo-se orgulhosamente entre os bens de consumo, que lhe confere o encanto da novidade”. Nesse contexto, a Indústria Cultural, seja em sua forma inicial, seja em sua forma pós-moderna (com as plataformas digitais e streamings), “consiste numa fusão cada vez maior de elementos que historicamente se desenvolveram de forma separada: trabalho e lazer

tempo livre), arte e mercadoria, economia e cultura — até o ponto em que esses elementos se tornam indistinguíveis”, complementa Della Torre.¹⁰

Por conseguinte, cumpre ainda acentuar a relação entre Indústria Cultural e Globalização. Segundo Rodrigo Duarte¹¹, partindo inicialmente da visão de Dieter Prokop, a globalização consolidou a ideia de um mercado mundializado de comunicação, onde grandes conglomerados competem pelos públicos e mercados publicitários, como a formação de oligopólios nos meios de comunicação, evidenciando a concentração econômica e a emergência de grandes corporações transnacionais que antes operavam em outros ramos e que agora migraram ou diversificaram seus negócios para o “entretenimento”. Dentre as características elencadas pelo autor acerca desse novo momento da Indústria Cultural, cuja “digitalização” é marca perene, está a capacidade de disseminar conteúdos audiovisuais e textuais em todo o mundo de maneira mais ágil e “interativa”, além de que, como ressalta Duarte referindo-se a análise de Scott Lash, na “indústria cultural global” sobreleva-se um alto grau de condicionamento entre o conteúdo produzido e a tecnologia, predominantemente digital, que o viabiliza, reforçando a concentração econômica e técnica “de monopólios (ou oligopólios) de conteúdos, tanto de televisão e cinema, quanto de software e até de informações científicas e tecnológicas”.

Tudo isso tem a ver com a conformação de um sistema global que articula por intermédio da Indústria Cultural, ao mesmo tempo, relações de poder político e de dominação econômica, tanto mais as formas de comunicação e entretenimento (produção cultural) se entrelaçam com as esferas de poder e ideologia que dominam a sociedade, visando a perpetuação de uma suposta supremacia e “universalidade” da cultura importada (produzida nos grandes centros) e a manutenção das relações espoliativas de produção e consumo mediadas pela lógica capitalista (reprodução econômica).

Uma das principais consequências, do ponto de vista cultural e ideológico, que decorre desse cenário de dominação política e econômica, especialmente no caso dos países dependentes e periféricos, é a alienação da população em relação à sua própria identidade cultural. Como explica José Ramos Tinhorão¹², tomando a indústria fonográfica como parâmetro e objeto de estudo: “ao envolver a ideia de modernidade e de universalidade (quando se sabe que o que se chama de universal é o regional de alguém imposto para todo mundo), o som importado leva os consumidores nacionais ao desprezo pela música do seu próprio país, que passa então a ser julgada ultrapassada e pobre, por refletir naturalmente a realidade do seu

⁷ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

⁸ DELLA TORRE, Bruna. *Indústria Cultural: o conceito e sua atualidade em sete teses*. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, p. 176-193, n. 17, 2023.

⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Op. Cit., p. 147.

¹⁰ DELLA TORRE, Bruna. Op. Cit., p. 179.

¹¹ DUARTE, Rodrigo. *Indústria Cultural: uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

¹² TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 13.

ENSAIO

subdesenvolvimento. Essa espécie de vergonha da própria realidade, desenvolvendo-se principalmente entre as camadas de classe média com caráter de autêntico complexo de subdesenvolvimento, conduz, assim, a uma progressiva perda ou desestruturação da identidade cultural, o que desemboca no ridículo de, ao procurarem tais consumidores colonizados apresentar-se como modernos, só conseguirem aparecer como estrangeiros dentro do seu próprio país”.

Ainda segundo Tinhorão, a ideia de “modernidade”, “universalidade” e “novidade” associada aos produtos promovidos e patrocinados pela Indústria Cultural, particularmente no campo da música popular, é impulsionada pelas tendências criadas pelos grandes grupos industriais de transmitir aos consumidores de países “subdesenvolvidos” que, ao consumirem o que tem de mais “novo” no mercado, estão se integrando a uma suposta “elite cultural global”, alcançando um status social mais elevado e alinhando-se ao próprio progresso; e quem se recusa a isso será imediatamente taxado como “fora de moda”, “antiquado” e, no mais das vezes, “reacionário”, “localista”, “tradicionalista” etc. — ainda que os nossos detratores desconheçam o verdadeiro significado dessas palavras, incapazes de uma postura crítica que vá além da aceitação passiva dos padrões mentais impostos pela Indústria Cultural. Outra acusação recorrente em se tratando daqueles que assumem uma postura contrária a “dominação cultural” estrangeira, notadamente àquela promovida pela poderosa indústria cultural norte-americana, é a de xenofobia e radicalismo. Ora, muito poderíamos dizer a esse respeito, mas melhor nos valem as palavras do próprio Suassuna: “eu não tenho por nenhuma cultura nenhuma hostilidade, o que eu quero é fortalecer a nossa, porque então qualquer coisa que nos venha de fora, em vez de ser uma influência que nos descaracteriza, que nos esmaga, que nos corrompe, passa a ser uma incorporação que nos enriquece”.

Goethe certamente não discordaria de que a verdadeira “literatura mundial” é aquela que nasce das trocas culturais legítimas, e não, como vemos atualmente, da dominação do que é produzido nos grandes centros do capitalismo sobre as culturas locais dos países periféricos, essas tratadas como “inferiores” e “particularistas”, enquanto àquelas figuram como “cosmopolitas” e “universais”. A contradição, por si só, não poderia ser mais flagrante. Essa é a realidade em que vivemos e que precisamos enfrentar; “quem não quiser”, já dizia Tinhorão: “que encontre outra”.



Arte de Ariano Suassuna (Reprodução)

ENSAIO

Identidade e Resistência

de Stuart Hall às vozes identitárias

Arthus Mehanna

Doutor em letras pela UFSC com foco na literatura, poesia e surrealismo e poeta. Autor de "O ceifador de privilégios" e "Poemas das multidões".



*"Habito a Possibilidade —
Casa melhor que a Prosa —
De Janelas mais pródiga —
Superior — em Portas —".*

(Emily Dickinson)

Escrevo como um convite às inúmeras possibilidades de habitar um lugar de vozes e chances múltiplas. Como no poema de Emily Dickinson, os versos, os caminhos, as passagens e o lar são o real viver de uma existência enjaulada por padrões e opressões que se demoram demais neste século. Então, abre-se o trecho por onde passamos com dificuldade mas também com a resistência de quem não pertence mais ao antigo cômodo de portas e janelas com grades, rompemos a clausura. Neste artigo trago a visão de Stuart Hall sobre

a construção de identidades no mundo moderno e abordo sua visão através da discussão sobre grupos identitários, valorizando cada indivíduo e suas lutas, cada multiplicidade expressada e nunca mais silenciada.

Stuart Hall, teórico Jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido, abordou questões culturais e sociológicas em seus estudos e escritos. Na década de 1950, Hall foi um dos fundadores da disciplina de Estudos Culturais, ao originar a Escola de Estudos Culturais de Birmingham. Sua abordagem inclui desde questões raciais e de gênero à discussões sociopolíticas na academia por uma perspectiva que desafia noções de hegemonia e cultura. Através de um foco na linguagem, Hall analisa noções de identidade que neste ensaio irei discutir. Dialogando, assim, com as atuais pautas e críticas em torno da ideia de identitarismo.

No livro "A Identidade Cultural na Pós-Modernidade" (2006), Hall questiona as identidades culturais tradicionais que estabilizavam a sociedade,



mencionando seu periclitamento e como tal crise possibilita o aparecimento do indivíduo pós-moderno, de identidades fragmentadas. Tal possibilidade realoca processos de mudança e abre espaço para identidades antes silenciadas virem agora à tona com sua própria voz e pautas (Hall, 2006, p. 7). Estas identidades relacionam-se e surgem através da noção de pertencimento dentro de culturas "étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais" (Hall, 2006, p. 8).

Hall aponta três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo; o sujeito sociológico; e o sujeito pós-moderno. O sujeito sociológico e o pós-moderno são os que abordarei neste ensaio. O

sujeito sociológico, segundo Hall, é formado pela interação do interno e do externo, ou do mundo pessoal e do mundo público. A ideia de "eu" passa a formar-se dentro de uma ideia de "nós", de acordo com a internalização de valores e significados dos locais que se ocupam no mundo social e cultural (Hall, 2006, p. 12). O pertencimento, desta forma, atinge diretamente a construção do ser sociológico, delineando o "eu" através de vivências, lutas, pautas, identificações em reconhecimento do "nós".

O sujeito pós-moderno reflete o quanto as mudanças nesta construção sociológica do ser fragmenta e multiplica a identidade, criando espaço para contradições. Uma vez que a sociedade, o externo, muda, assim como a cultura, as identidades colapsam como consequência de mudanças estruturais e institucionais: "O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se provisório, variável e problemático"

ENSAIO

(Hall, 2006, p. 12). A identificação impermanente cria o dissolvimento da identidade sólida e imutável, permitindo uma variedade ampla, desunificada, incompleta, insegura e incoerente. Esta amplitude de identidades em um único sujeito abre espaço para novas reflexões e conexões, aumentando os campos de associação por identificação e pertencimento. Por exemplo, um grupo que lutava por questões de gênero expande-se para uma luta interseccional de gênero, classe, raça, sexualidade, etc. Força de resistência esta que hoje ganha solidez nos chamados “grupos identitários”.

Hall menciona Anthony Giddens quando defende que a sociedade moderna caracteriza-se por uma contínua, acelerada e ininterrupta mudança, sendo este o pilar da diferença entre o moderno e o tradicional (2006, p. 14). Acima desta distinção, Hall afirma: “Mais importantes são as transformações do tempo e do espaço e o que [Giddens] chama de ‘desalojamento do sistema social’ - a ‘extração’ das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo” (2006, p. 15-16). Baseando-se em Ernest Laclau, Hall argumenta que tais deslocamentos são positivos quando “desarticula as identidades estáveis do passado [e] abre a possibilidade de novas articulações [...]” (2006, p. 17-18).

Uma vez que as identidades hegemônicas são desafiadas pelo aparecimento do sujeito pós-moderno, há um pânico coletivo. O sujeito homem, cisgênero, branco, heterossexual de classe média/alta, o patriota homem de bem, começa a perceber novas existências tomando força através da resistência, sobrevivência, arte, cultura e espaços nunca antes ocupados por grupo dissidentes e que agora estão explicitamente e, muitas vezes, organizados para levarem suas pautas sociopolíticas adiante em seus cotidianos, ritos, celebrações, teorias, vivências e através da política governamental:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (Hall, 2006, p. 21).

A política de diferença exemplifica a união de grupos dissidentes e suas organizações para lutarem por pautas em comum, como o movimento negro, o movimento LGBTQIAPN+, o movimento feminista, os movimentos dos povos tradicionais, ambientalistas, e uma série de outras comunidades que se agrupam em prol de seus direitos. Entretanto, tais “diferenças” são acusadas de diluirm pautas mais “universais”, ou “gerais”, deixando pontos como saúde, infraestrutura, segurança e crescimento econômico fora de foco, carecendo de mais energia para serem resolvidos. O esvaziamento destas pautas é ilusório e tal argumento serve apenas para que o sujeito tradicional, hegemônico, não perca o poder alcançado através do silenciamento e exploração de outros grupos menos privilegiados.

Em seu artigo “Identitarismo ou Movimento Identitário: O que é e seu Impacto” (2022), Regiane Folter faz menção aos grupos identitários que hoje podem ser observados e chama atenção para os grupos “hiperespecíficos”, ao descrever a coletividade unida em força por pautas diversas, configurando a interseccionalidade. Estas identidades, lembrando a abordagem de Hall, são sujeitos pós-modernos que se valem da multiplicidade de possibilidades, conexões e do atual enfrentamento da hegemonia através do encontro destes grupos em suas hiperespecificidades. É possível a intersecção de sinais identitários “diversos e não mutuamente exclusivos” (Folter, 2022). Como exemplo, há possibilidade de um sujeito definir-se como do gênero masculino transexual, de classe baixa, raça negra, bissexual e também lutar por questões ambientais.

Ao aproximarmos as ideias de Hall à descrição de Folter, podemos dizer que tal interseccionalidade desenha-se em torno de uma política de diferença, a que permite aos grupos identitários organizarem-se para saírem debaixo dos escombros aos quais foram relegados pela hegemonia branca. E, assim, não apenas estes grupos hiperespecíficos têm a oportunidade de falarem e lutarem por direitos, mas também qualquer grupo identitário que combata o status quo da sociedade.

Folter menciona o questionamento de Wilson Gomes sobre a disputa política entre a direita e a



ENSAIO

"esquerda identitária", que levanta perguntas sobre a moral e sobre uma competição nas urnas. De acordo com Folter, Gomes desenvolve o argumento de que a direita conservadora usa os grupos identitários e suas pautas para amedrontar os grupos hegemônicos. O exemplo de Gomes é: o bolsonarismo entende que a esquerda identitária quer assaltar os direitos dos conservadores através de políticas públicas, levando a classe hegemônica ao sofrimento e obliteração (Folter, 2022).

Os grupos identitários não são apenas um fenômeno a ser estudado, são a realidade de quem vive na pele a opressão diária, seja através de questões já ancestrais ou de novas identidades que estão surgindo na modernidade. Questionar se estes grupos são ou não legítimos, questionar como se organizam, como agem e como colocam-se na política não desmonta a resistência que vem sendo criada por mãos latejantes em necessidade de direitos básicos, direitos humanos. É a vida que está em jogo e apenas quem tem a sua no fio da navalha hegemônica sabe como e o porquê.

As discussões de que estes grupos são usados como produtos capitalistas, como arma no argumento ultraconservador ou que os identitários diluem uma pauta "universal" que converse com todas as identidades são válidas apenas se este debate não tem por fim esvaziar a resistência, relevância e posicionamento de quaisquer identidades dissidentes. Muitos artigos falam sobre o fim do identitarismo, sobre seu impacto negativo na esquerda política, sobre a despolitização ou descontextualização de suas pautas. Entretanto, é neste meio de articulação, mudanças e contradições que se pode contemplar a complexidade das identidades e sua relevância não-padronizada. Não queremos um status de identidade fixa e marcada, como a dos sujeitos tradicionais, iluministas.

É necessário resistir com toda a gama de possibilidades disponíveis ao nosso alcance. Nossas pautas não são menos importantes nem falam apenas com uma dúzia de cidadãos e cidadãs. Somos muitos e muitas e temos muito a falar, muito a fazer. É o que assusta, é o que se recusam a entender e aceitar. Disseram o mesmo das "poucas" mulheres que lutaram pelo direito ao voto, ao trabalho, à dignidade. Disseram o mesmo dos "poucos e poucas" homossexuais que lutam pelo direito de amar quem quiserem e permanecerem vivos. Disseram o mesmo dos negros escravizados que romperam uma das mais intransponíveis barreiras e que hoje ainda precisam dizer "minha vida importa". Dizem o mesmo de pessoas transexuais e travestis, que também tem suas vidas em risco constante. Somos muitos e muitas e seguiremos.

Acusem-me de ironia e blasfêmia, são nestas casas que habito. Pactuo com Donna Haraway em seu "Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX" de 1985 (2009). É fundamental ter uma estratégia retórica e um método político. Porém, a ironia mora em não fortalecer o que já se abate sobre grupos dissidentes, que é o mito de uma identidade única e padrão:

A ironia tem a ver com contradições que não se resolvem - ainda que dialeticamente - em totalidades mais amplas: ela tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras (Haraway, 2009, p. 35).

Os grupos identitários não são apenas um fenômeno a ser estudado, são a realidade de quem vive na pele a opressão diária, seja através de questões já ancestrais ou de novas identidades que estão surgindo na modernidade.

Não vamos resolver o desconforto gerado pelas vozes que se levantam contra a opressão e não vamos considerar o medo que sentem de nós. E quem tem medo dos identitários? Os que de fato assaltam, silenciam, assassinam e deixam o povo, de qualquer grupo, na miséria em prol da autogerência de uma hierarquia que oprime, explora, humilha, diminui e apaga. Continuaremos resistindo através dos estudos, das artes, da crítica, dos desafios, da incoerência, da coerência. Através dos tempos e dos espaços na rua, na academia, na política, na denúncia. Entre expressões, confissões, ritos, crenças, amores, sexualidades, raças, gêneros, nacionalidades, etnias e mais identidades do que é confortável para os que não nos querem.

REFERÊNCIAS

FOLTER, Regiane. Identitarismo ou movimento identitário: o que é e seu impacto. Politize!, 17 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/identitarismo/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2025.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11ª ed. HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna.; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz (orgs). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ENSAIO

Identitarismo não é novidade

Lili X

Escritora travesti, nascida no Ceará em 1997. Publicou de forma digital e independente o conto "Vento da Noite", uma releitura de "Carmilla" de Sheridan Le Fanu, disponível na Amazon.



Camila Sosa Villada constantemente precisa insistir que não faz autoficção quando escreve *O Parque das Irmãs Magníficas* ou *Sou uma tola por te querer*. Não é raro, mesmo após tantas declarações e entrevistas dela falando sobre, que em novas entrevistas e textos sobre sua obra ficcional isso seja colocado outra vez.

Na Flip, ela falou: "Não deixam as travestis fazer ficção, apenas autobiografias que são um rosário das misérias que enfrentamos." E essa especificação é importante: não basta ser uma autobiografia, precisa ser uma autobiografia da dor, e somente dor, ou estaremos "romantizando" nossas vidas.

Em outra entrevista, ela também diz sobre *O Parque*: "Não são detalhes de magia, essas personagens estão imersas em um mundo que não existe. O registro da violência – que é a única coisa que as pessoas reconhecem como familiar, porque a exercem todos os dias – faz com que se pense que é uma novela realista, que estou falando de minha vida."

Em um momento de exaustão no Twitter, ela cita similaridades, inclusive constantes ao longo da extensão das obras, de características de vários autores – brancos, héteros, cristãos – e seus protagonistas, que também eram sempre brancos, héteros e cristãos quando for o caso. E que jamais foram questionados, tampouco ignorados por tantos anos a respeito de suas obras serem ou não autoficção.

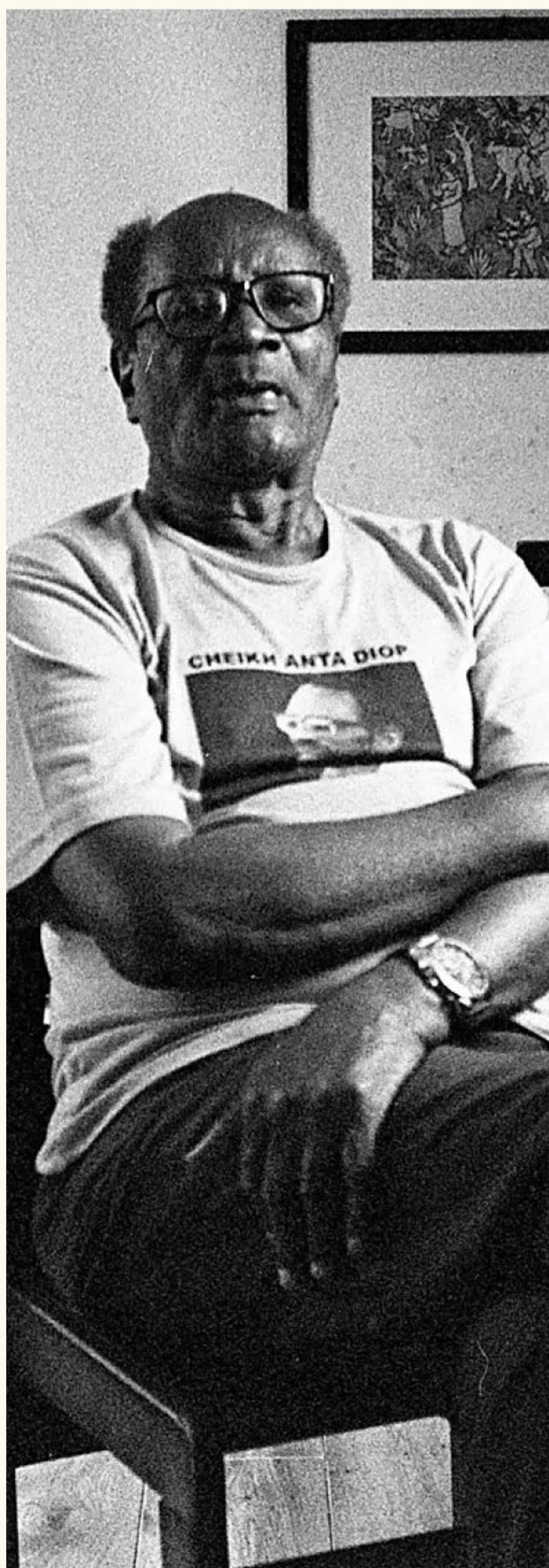
O fato é que, para eles, não importa se os brancos escrevem ficção ou autoficção, porque, nos dois casos, eles compreendem que serve para todos. Ao identitarismo branco heteronormativo, deram o nome de universal e compramos a ideia ao longo dos anos de dominação violenta. Eles definiram os temas, a abordagem e a estética do que poderia ser considerado bom e apreciável e agora, diante da solidificação das formas de expressão próprias e do questionamento quanto ao que parecia inabalável, se sentem ameaçados e tentam, outra vez, rebaixar nossa abordagem e estética de alguma forma, como fizeram nos anos de colonização com nossa cultura.

Não importa se os brancos escrevem ficção ou autoficção, porque, nos dois casos, eles compreendem que serve para todos.



Camila Sosa Villada por Guillermo Albrieu (Reprodução)

ENSAIO



Oswaldo de Camargo por Rodrigo Fonseca (Reprodução)

Em *A Descoberta do Frio*, um dos personagens de Oswaldo de Camargo faz um questionamento interessantíssimo que cabe aqui: “A senhora é capaz que tenha alguma vez destroncado o braço, o pescoço; mas já lhe amputaram a alma, dona Geralda? Para mim, negro tem a alma amputada, não tem chão, caiu do corpo da África, danou-se.” O que fizeram conosco, os agora chamados identitários, foi isso: amputaram nossa alma, nossa língua. E agora que colocamos tudo no lugar, tentam tirar de novo.

No mesmo livro, ele diz: “Quando o crítico, literato, esclareça-se, branco, agradou-se de sua obra, é porque ela está dentro de formas estéticas que não ferem seus padrões de julgamento. Logo, quanto mais agradar à crítica branca, isso significa que mais distante você está de uma estética negra. E isso o crítico branco vê e acha bacana e elogia por isso. [...] Encontra-se em você ‘a mesma sublimação da negritude americana do blues e do ragtime’. Ora, de música você entende e deve então perceber o grau de concessões que a música do negro norte-americano fez a elementos da música erudita. É esse ‘ser essencialmente poeta’ que agrada à crítica branca, mesmo que o conteúdo viesse prenhe de Negritude [...]” Enquanto formos criticados, acho que estamos no caminho certo.

O que fizeram conosco, os agora chamados identitários, foi isso: amputaram nossa alma, nossa língua. E agora que colocamos tudo no lugar, tentam tirar de novo.

POESIA

Soneto do silêncio

Pedro Henrique Rodrigues

Formado em Física Médica pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP), possui mestrado e doutorado em Física Aplicada à Medicina e Biologia (USP) e atualmente é pós-doutorando no Instituto de Psiquiatria da FMUSP. Pedro está como pós-doutorando visitante na Harvard Medical School (HMS) e no Massachusetts General Hospital (MGH).

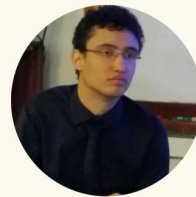


Foto: Harold Whittles hearing sound for the first time, 1974. Jack Bradley.

Posto, quis o destino, o véu do silêncio
No labirinto das palavras: Minotauro!
Da Medicina, vãs palavras - falso auro!
Acossado por zumbido: é um incêndio!

Seja maldito o véu, gozo de vilipêndio
Foge de tudo e de todos: "Eis o sauro!"
Padres clamam: "Jesus proverá o restauro!"
Professora e turma riem: "Surdo! Nêncio!"

Lê os lábios sem estar apaixonado
Sísifo e a pedra, surdos e conversas
Recusa em trabalhos, fardo mui pesado

Em todo final de ano, há muitas festas
"Tudo entende quando quer! Moço lesado!"
Sempre diz uma tia besta! Indigesta!

RESENHA

Joelhos ralados de homens devotos

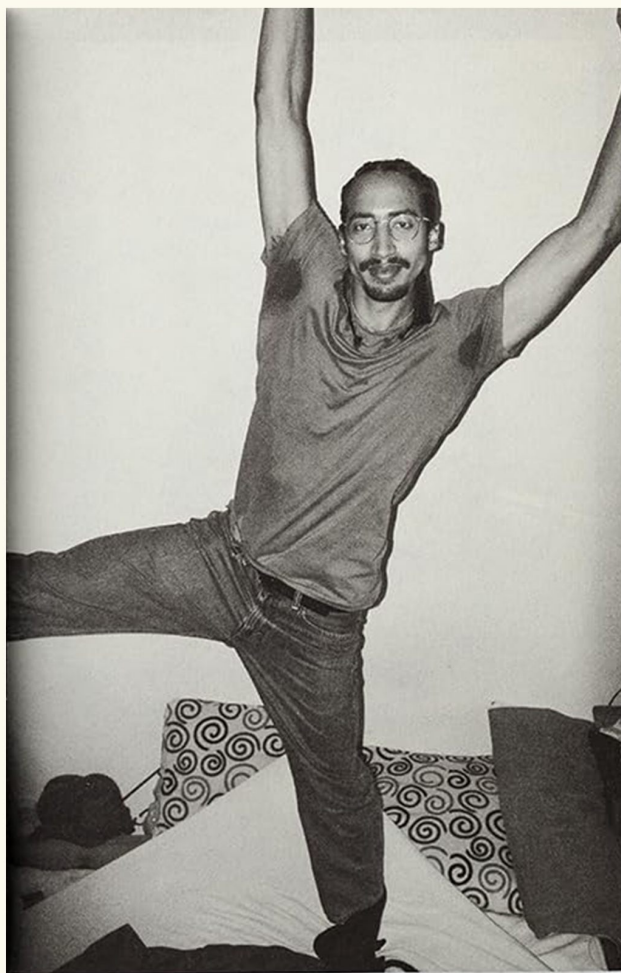
Resenha de *Homem com homem: poesia homoerótica brasileira no século XXI*

Arthus Mehanna

Doutor em letras pela UFSC com foco na literatura, poesia e surrealismo e poeta. Autor de "O ceifador de privilégios" e "Poemas das multidões".



21 poetas desnudando seus sexos, amores, ausências, ativismos e revoluções



Polaroide de Paul Mecky que ilustra o livro

A Ercolano Editora lança neste 2025 a coletânea *Homem com Homem: Poesia Homoerótica Brasileira no Século XXI*. Com organização de Ricardo Domeneck, conta com prefácio de João Silvério Trevisan e pós-fácio por Guilherme de Assis. São 21 poetas desnudando seus sexos, amores, ausências, ativismos e revoluções neste livro que subverte a literatura tradicional e os padrões impostos por cânones hegemônicos, gerando novas veias e teias entrelaçadas aos viveres repudiados ao longo da história e levantam-se, deitam-se, lambem, gozam ao ar livre sob a pressão atmosférica de uma abóbada vigilante e inquieta.

Dentre os muitos temas abordados nos poemas compondo *Homem com Homem*, deslizo por três eixos que me guiam nesta apreciação: o sexo; a ausência e o vazio; e o subverter religioso. Eixos estes servindo como

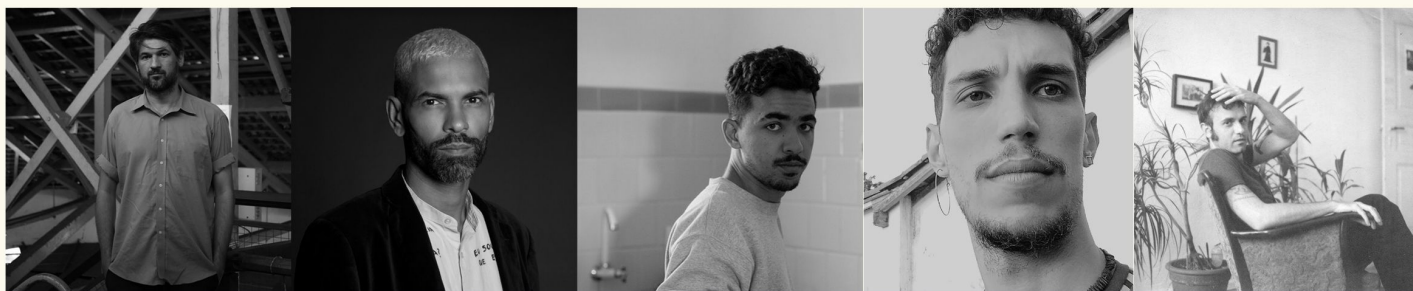
lenha que arde na fogueira ao queimar qualquer expectativa sobre qual a definição preexistente de homoerotismo, seus amores, prazeres, medos e ressentimentos. Citarei alguns dos poetas trazidos por Domeneck neste livro, sem pretensão de contemplar a todos ou todos os temas relevantes cabíveis.

Historicamente, homens com homens já tiveram seus lugares de prestígio e liberdade. Entretanto, com o avanço da religiosidade ortodoxa, a homossexualidade passa a ser criminalizada, um pecado passível de extermínio. Agora, em meio a lutas e resistências, há espaço para o decorrer de narrativas não-heterossexuais nas artes novamente, como em Safo e Catulo. Não que estes textos não estavam sendo produzidos, apenas que sua exposição estava submissa à punição e linchamento.

O sexo, explícito, detalhado, cru e selvagem, aqui, ganha vida. No poema "Da Série Lucas", de Marcio Junqueira, o inventário gera movimento em sua repetição "boca/boca/mãos/costas/cabelo/mão/língua [...] pica/boca/pica/boca/porra/boca" (118) imitando o movimento dos corpos em tensão sexual até o momento do gozo. Em "Devoção", de Rafael Amorim, "em plena rodoviária/de campo grande" é relatado o encontro de homens no banheiro. Homens estes que performam a masculinidade exacerbada da heterossexualidade e que remetem ao casual com outros homens, "joelhos ralados/de homens devotos/ostentam a santa cruz/o escudo do flamengo/seus peitos dividindo/são jorge tatuado mata/um dragão por dia/no mesmo peito/onde descansará/minha cabeça" (191).

No poema de Thiago Gallego "Se Eu Pudessem Te Chupar", temos o sexo explícito e visceral "se eu

RESENHA



Da esquerda para a direita: Ricardo Domeneck, Márcio Junqueira, Rafael Amorim, Thiago Gallego e Rafael Mantovani, alguns dos poetas que integram a antologia.

pudesse te chupar/era melhor do que estar lendo teus poemas/não é por nada/mas se eu pudesse ficar deitado/enquanto você enfia 1 2 3 dedos/e diz/só meto/depois que a mão tiver descoberto/tudo isso" (214). Assim como eu seu poema "Arpoador" no qual Gallego enfoca o sexo oral em local público, "se não quer os joelhos ralados/não vá mamar nas pedras [...] mama/mama/1,2,3/rolinhas/mama sim/meu bezerrinho sedento". Prática esta que remete à um atentado violento ao pudor, à família e os "bons" costumes de uma sociedade religiosa, e que neste poema surge como um cotidiano "se vai mamar nas pedras/talvez seja bom levar um casquinho" - nada melhor do que uma dica irônica para um ato de liberdade (216,217).

Estes são detalhes relevantes, uma vez jogados às margens e agora escancarados para que ninguém mais possa ter dúvidas de que, sim, amamos, transamos e gozamos. É possível que o sexo, os corpos e os fluídos sejam o ponto mais óbvio quando se pensa homoerotismo. Porém, a gama de complexidade é alta não apenas nos corpos. O sexo, os afetos, emoções e humanidade presentes nos versos de *Homem com Homem* revelam um pensar filosófico também ao tratar a efemeridade de encontros, a impossibilidade e possibilidade de ser encaixar-se em uma engrenagem que quer girar sem nós.

O amor, afetos e cenários decorrentes das relações humanas também permeiam *Homem com Homem*. Em "Aplicativo de Date," Rafael Mantovani retrata a prática de encontros através de aplicativos de relacionamento, muito recorrente no século XXI. Nos versos "o amor já quase acontecido/quase valeu a pena esperar/quase fez sentido" encontram um sentimento de eminência e apenas não preenchido. E segue "o fio humilde da insistência/quantas vezes rompido e colado com saliva/nova, o desisto desdito, esquecido/renegociado". Mantovani faz referência à Odisseia, de Homero, "penélope supostamente/desfazia à noite a resignação/tecida ao longo do dia [...] mas penélope pelo menos/sabia quem era o homem/nós, por via das dúvidas, vamos acumulando/- cada rosto/cada sonho/cada nome)" (101). A espera da Penélope por Ulisses é um dos atos literários que mais transparece a espera, a ausência e a solidão, e neste poema Mantovani choca esta realidade com o impermanente mundo dos aplicativos e encontros. Assim como em seu poema "Provavelmente", o qual demonstra o afeto apenas do lado da persona (107).

O desencontro afetivo e sua intensidade imparável também é trazido por Moisés Alves no poema "Seres Térmicos" no qual o medo da entrega e do amor é

citado, "você disse/tenho certo pavor/que você me ame/tenho certo pavor/em olhar no seu olho/e constatar a força/do que está chegando" e então uma certa esperança e inevitabilidade fecha o poema "o que está a caminho/continua/não deixa de continuar/nunca" (147).

Em "Prometi Não Escrever Mais Sobre Meu Bem", Rafael Amorim escreve sobre a pluralidade de sentimentos e pensamentos que atravessam a persona ao tentar evitar a escrita dedicada ao seu amor:

das investidas de homens que me olham de esguelha
quando paro no mictório ao lado o centro para
onde eles direcionam os olhares e a tensão porque
não é o meu bem quem me olha nos olhos ele
vive fugindo mas de vez em quando ele aparece
deitado sobre a minha cama ele tira os sapatos
e se instala como quem diz eu não fujo mas ele
foge e ele permanece fugindo e nessas horas
quando o que falamos não cabe na poesia
nessas horas os homens nos banheiros públicos
ao meu lado no mictório os amores novos e
todos os homens do mundo já não são tão
homens quanto o meu bem que é apenas um menino
e que só aparece quando quer que eu aposte
todas as minhas fichas no escuro de seus olhos
(Rafael Amorim, 188, 189).

Dos encontros casuais em banheiros públicos, ao percorrer a cidade, a persona ainda sim busca em cada olhar os olhos de seu amado. Amado este que lhe parece escapar, fugir. Quando o sexo acessível não se traduz em afeto, a persona segue apostando no momento, raro, da chegada de seu amado em seu enlace.

Victor Squella, em seu poema "Há Uma Palavra em Grego para Isso", também reflete tais ausências e vazios que permeiam a vivência humana, e neste contexto traz a homoafetividade como amplamente complexa e passível de abismos:

Têm me cercado
estas ausências. Estes
espaços que se abrem
quando alguém vai
embora [...]
Não é estranho,
este sentimento
de um grande
espaço vazio -
branco - marcando
a ausência da luz
abrindo-se aos olhos (250, 251).

RESENHA

Estes sentimentos podem relacionar-se com a efemeridade dos encontros sexuais entre homens na modernidade, perdas e saudades de uma velocidade entre o encontro e o desencontro.

O homoerotismo em *Homem com Homem* evidencia também influências religiosas em diversos poemas, nos quais os poetas subvertem a imagem sacra e utilizam-se do profano. Em "História de Um Corpo", Eleazar Carrias manifesta o encontro de dois meninos, vizinhos, que são surpreendidos pela irmã de um deles, "Teu corpo era o único mistério/e o investigativas com teu vizinho/até que foram flagrados/por tua irmã, que advertiu?/é pecado". Neste poema, Carrias demonstra um dos princípios religiosos, a vergonha e impossibilidade do sexo fora do matrimônio e, ainda mais grave, entre dois homens.

Em "Evangelho", Marcos Samuel Costa refere-se aos apóstolos Paulo e Pedro, adicionando uma terceira pessoa, Caio, responsável pela libertação de Pedro, um Pedro que explora a relação sexual e amorosa com um homem:

sentados no bar
Paulo e Pedro pregam
o evangelho do amor
percorrem os
caminhos da dúvida
mas só contigo, Caio
Pedro encontrará o amor
sobre saliva línguas
histórias vividas
as memórias que ardem
no luar de agosto
e teu sexo quente (243).

O local do encontro de Paulo e Pedro: um bar. Pode-se inferir que neste contexto o evangelho do amor ultrapassa o ensinamento cristico, pendendo em direção aos fluidos salivares, temperaturas elevadas e amplitudes noturnas de Pedro em companhia de Caio. O evangelho padrão é subvertido, trazendo uma nova ideia da doutrina amorosa cristã para a realidade corpórea homoafetiva, em um movimento tanto profano quanto sagrado em sua insubordinação.

Quantos parceiros, amores, temores e preconceitos vividos cabem na experiência homoerótica? *Homem com Homem* traz um recorte poético da realidade enfrentada pelo artista homossexual no fim do século XX e início do século XXI. Tal retrato de dimensões variadas demonstra a relevância da publicação organizada por Domeneck. Necessário registro de vozes muitas vezes mutiladas, esvaziadas, silenciadas - por medo, violência física, pressão religiosa e todos ao mesmo tempo. É imprescindível o posicionamento trazido neste livro, de que estamos aqui e vivemos com corpo, mente, coração e alma. Não pedimos permissão, tomamos nosso espaço com a fúria da poesia e exigimos o direito à vida e o direito de expressão sem tabus.

Um deleite. Uma dádiva. Um presente. Reflexões impactantes e totalmente acessíveis e de fácil identificação. Um salve aos poetas de *Homem com Homem*, uma celebração às suas palavras, à sua poesia. Submeto-me e rendo-me a todos.



"Homem com homem: poesia homoerótica brasileira no século XXI", diversos autores (org. Ricardo Domeneck).

Editora Ercolano, 2025.

Poesia, 352 pp.

R\$ 98,00.

ENTREVISTA COM DOUGLAS BARROS

O sintoma de uma era

Identitarismo por Douglas Barros

Filipe Azevedo

Psicólogo e professor. Mestre em Psicologia Institucional e doutorando em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Políticas (NEPESP)..



Douglas Barros por Mateus Rodrigues (Boitempo)

Douglas Barros é doutor em ética e filosofia política pela Unifesp, professor filiado ao Laboratório de Experiências Coloniais Comparadas da UFF e integrante do ÍMPAR – Laboratório de Estudos Críticos da Família, da USP. É psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano e professor do Instituto D'alma de formação e extensão em psicanálise. Publicou, entre outros livros, *Lugar de negro, lugar de branco?* (Hedra), *Hegel e o sentido do político* (LavraPalavra) e *Guy Debord: antimanual de leitura* (sobinfluência). A entrevista que você lê agora se centra principalmente na sua última obra que é sobre o tema do Caderno 1 deste número da O Odisseu!

Filipe: Como está sendo a recepção do seu livro?

Douglas: Melhor do que acreditei que seria. Dada a sensibilidade do assunto, no início da divulgação tivemos reações apaixonadas do tipo “não li e não gostei!” algo comum à era da urgência que vivemos. Mas na medida que o livro começou a circular, a recepção mais detida – isto é, aquela que leu de fato a obra – começou a surgir e vieram

resenhas favoráveis ao caminho consolidado nas investigações que fiz. Essa recepção segue e agora me deparo com um público de leitores cada vez mais concentrado na importância de entender criticamente os significados destrutivos do identitarismo hoje.

Filipe: Como foi o processo de escrita do livro?

Douglas: Comecei a investigação em 2019, após ter lançado “Lugar de negro, lugar de branco? (Hedra, 2019)”. Naquele livro, eu já tinha marcado os contornos dos significados de identidade, no entanto, me faltava aprofundar criticamente algumas categorias. E assim iniciei o processo de escrita d'O identitarismo recolhendo bibliografias e amadurecendo leituras em torno do problema das identidades. De maneira geral, e por isso mesmo, me afastei do que estava sendo escrito e falado sobre o identitarismo porque soava raso e impregnado de urgência. As respostas que circulavam mobilizavam afetos dispares e fugiam de uma reflexão mais apurada. Uns negavam enfaticamente a presença do identitarismo – e ainda negam – outros buscavam os seus culpados – e seguem buscando. Fui a contrapelo: o identitarismo é um

ENTREVISTA COM DOUGLAS BARROS

sintoma de uma era em que as expectativas sociais deixaram de existir. E foi me agarrando nesse novelo que tateei o labirinto. O processo de escrita foi muito interessante porque transversal há vários conhecimentos: psicanálise, história, sociologia, economia, antropologia, literatura e filosofia.

Filipe: De onde surgiu a ideia sobre escrever acerca do identitarismo? Onde o debate sobre o identitarismo entra na sua história?

Douglas: Surgiu da constatação de que os movimentos sociais estavam embarcando numa semântica importada que tornava a identidade a finalidade última da sua ação. Isso que é aparentemente inocente – a consolidação de formas de linguagem que circulam nos movimentos – é, na verdade, o que inscreve o horizonte de possibilidade do próprio movimento. É na semântica que se opera o modo pelo qual pensamos o futuro e organizamos a imaginação política. Então, eu, que iniciei meu processo de formação no interior do movimento negro, percebi que passou a existir um modo de falar acerca do negro que deixaria para trás as potencialidades contestatórias. Como o horizonte de transformação social estava sendo abandonado, um horizonte de transformação pessoal foi constituído. E entramos na metafísica do vencedor: o negro que apesar de tudo vence, servia como o modelo que culpabiliza os que não venceram. “Se ele venceu, você também pode!” Isso serviu também para que eu concluísse que os movimentos não eram atores do processo de identitarização, mas objetos de uma engenharia política nova e militante.

Então o problema é que a identidade racial – cuja importância fundamental para pensar a violência histórica do colonialismo é fundamental, se tornava fim em si mesma e passaria a ser usada como reserva de mercado. É aqui que a arapuca estava montada: sem o horizonte de transformação social, entramos no campo de uma urgência imediatista que muito tem a ver com o horizonte de destituição do social por parte da máquina de guerra chamada neoliberalismo. Por isso, o debate do identitarismo entra na minha vida quando, no interior do movimento, eu percebo o esvaziamento das reais potencialidades políticas em nome da inclusão ao consumo.

Claro, não podemos generalizar, não há movimento negro, mas movimentos negros impregnados de ideologias dispare. Há movimentos que seguem a ideia substancialista da identidade – que inclusive reduzem a questão da raça à biologia –; há outros, porém, de caráter socialista e libertário que colocam o significante racial sobre escrutínio e pensam na superação da sociedade de classes, com sua exploração e opressão constitutivas, refletindo também na possibilidade da construção de uma sociedade no qual os operadores sociais não usem os demarcadores de raça e de gênero à superexploração, e; há ainda um terceiro: aqueles que acreditam que participando ativamente do mercado irão superar as veias abertas do colonialismo através da inclusão do negro à sociedade do consumo: “negros no topo” é o mantra. Sem acreditar na possibilidade de superar o capitalismo institui-se à crença de torná-lo mais humano já que a revolução está muito longe...

Entre o primeiro e o terceiro há algo em comum: a

“O identitarismo é um sintoma de uma era em que as expectativas sociais deixaram de existir.”

- Douglas Barros

identidade é fundamental como atributo de valor de troca. E, claro, como sou do segundo, me vi enredado por uma teia de armadilhas que experienciei no próprio movimento do qual fiz parte e que se tornou uma Ong. Quando me deparei com a ideia que visava a busca por um negro ideal, voltei a Fanon e a Lélia Gonzalez para tentar entender o que estava acontecendo. E foi assim que o identitarismo atravessou meu caminho (risos).

Filipe: Como a psicanálise contribuiu e contribui para o debate acerca do identitarismo, tendo em vista a elaboração e publicação de sua obra?

Douglas: A psicanálise me deu a chave para pensar a categoria do sujeito a partir do primado da identificação: nos tornamos sujeitos porque perdemos qualquer identidade substancial. Eis uma de suas lições: nunca somos um eu substancial, sempre estamos experienciando a alteridade e, por isso, transformando nosso eu continuamente. O que fui ontem já não é exatamente o que sou hoje. Para Freud ou Lacan é essa a condição de possibilidade do sujeito: articulado pela falta de qualquer substancialidade, ele vai experienciar o mundo buscando se identificar com o outro afim de suprimir a falta que o constitui. Felizmente, ele nunca consegue e o eu nunca é em definitivo, mas sempre está sendo. Então ser sujeito significa liberar-se de qualquer identidade para poder livremente se identificar no mundo com o outro sendo reconhecido em suas escolhas.

Assim, a questão que fiz à psicanálise, auxiliado por Fanon, foi: tudo muito bonito, ser sujeito é saber que nada nos define e que a liberdade constitui nossa essência, como diria Beauvoir, entretanto, o que ocorre às pessoas que foram demarcadas por uma identidade que as nomeia de fora? O que acontece com as pessoas presas ao dispositivo racial? Então localizei um impasse que me fazia recolocar em perspectiva a seguinte questão: o que finalmente acontece com os grupos humanos identitarizados no período colonial?

Filipe: No seu livro há uma afirmação importante: “a identidade é uma ilusão subjetivamente necessária”. Qual seria o papel da identidade na nossa vida?

Douglas: Entender isso é central para reavaliarmos

ENTREVISTA COM DOUGLAS BARROS

nossos impasses. Eu faço isso partindo de Fanon que vai dizer que o sujeito nasce (assim como Sartre, Freud, Lacan e etc.) da fratura da identidade tida como suporte precário de significados que carregamos para nos definir de maneira provisória já que mudamos ao longo de nossa vida. Inclusive a liberdade é poder transitar por nossas escolhas tomando consciência de que nenhuma delas nos definem essencialmente. É só com isso que me torno sujeito. Então a identidade dá sentido à ação do indivíduo na medida que evapora. A esperança de encontrar uma identidade sólida impregna nossas escolhas. Felizmente essa esperança logo se transforma numa ilusão perdida. Imagine se toda nossa experiência, nossa vivência e nossas transformações subjetivas ao longo de nossa existência fossem reduzidas a algo como uma identidade sólida e transparente. Imagine se vocês, que me leem, se enquadrasse naquilo que o olhar das pessoas projeta a seu respeito, ou se toda sua experiência se reduzisse aquilo que você uma vez acreditou ser... Um inferno, não? Por isso, a identidade é uma ilusão: achar que podemos encontrar algo de sólido na nossa experiência anima a relação que temos com o mundo/Outro sempre marcada pelo fracasso. Ilusão não é erro, mas algo absolutamente produtivo como o velho Freud pensava n'O futuro de uma ilusão ao refletir sobre o cristianismo. Afastar-se dessa fantasia é o que conduz o processo analítico: nada nos contentará, nossa completude identificatória não será realizada. Então se livrar da neurose pela busca de uma identidade sólida é abrir-se ao diferente em si e à diferença do outro. Descobrir que não somos, mas estamos sendo, é fundamental para livrar-se da ideia violenta de ser algo em definitivo. Saber-se que se é como um rio que sempre muda e violenta as margens que o comprimem... eis, a beleza de existir. O problema é que muitas identidades foram construídas e instrumentalizadas ao longo da modernização. Esse é nosso impasse.

Filipe: Qual a contribuição dos estudos sobre o marxismo/materialismo histórico dialético nessa jornada?

Douglas: O marxismo tem grande influência em tudo que escrevo, que penso e que vivo. Costumo dizer que sou um debord-fanoniano de Itaquaquacetuba. Claro, sou muito heterodoxo para o clero marxista atual que, não por acaso, se sustenta como identidade. Porém, mesmo negando a ortodoxia – inclusive a do jovem Lukács – considero que sem crítica da economia política não entendemos nada de maneira profunda. Assim também reconstituir a importância da dialética é, a meu ver, fundamental. Se não se questiona a reprodução social do mundo da mercadoria, e os seus impactos no imaginário da sociedade de classes, se não se nega a negação que ela faz da vida social, a partir da dominação burguesa, tudo não passa de falatório. Não há retornos para um passado idílico, nem negação que não tenha que lidar com a produção e reprodução social. Eu ainda acredito que é preciso transformar aquilo que foi feito da gente, então, Marx e a dialética me são fundamentais.

Filipe: Como o paradigma neoliberal entra nesse contexto de discussão sobre o identitarismo?



Douglas Barros por Mateus Rodrigues (Boitempo)

“Quando me deparei com a ideia que visava a busca por um negro ideal, voltei a Fanon e a Lélia Gonzalez para tentar entender o que estava acontecendo.”

- Douglas Barros

ENTREVISTA COM DOUGLAS BARROS

Douglas: Como o paradigma neoliberal entra nesse contexto de discussão sobre o identitarismo? O neoliberalismo é uma racionalidade *que se projeta com uma nova forma governamental*. É só entendendo esse processo que entendemos as formas da gestão social que reconstituem identidades como reserva de mercado. O capitalismo passa por uma revolução nos anos 1970 – é isso que defendo no livro – e o neoliberalismo serve-lhe como um novo arranjo intersubjetivo organizando uma ontologia do ser social empreendedor. Diferente do período fordista, cujo domínio se fazia de maneira coercitiva, o indivíduo que nasceu no neoliberalismo é convidado a se engajar na sua própria dominação. Há, portanto, um apego apaixonado às formas de disciplina que sustenta o discurso neoliberal através da erotização inerente ao consumo como forma de vida. A dominação impessoal, introjetada desde à infância, torna o padrão inerente à subjetividade do trabalhador. O padrão e o trabalhador se fundem na consolidação do sujeito empreendedor que impõe sua própria regra num espaço competitivo acreditando ser autônomo e autossuficiente. Tudo isso tem por resultado a construção de um Eu igual a Eu forjado pela concorrência que se une à gestão da população por um Estado manager que faz as identidades excluídas entrarem na planilha. É nessa dinâmica que a política é substituída pela *gestão dos conflitos*. Eis onde se localiza o ovo do identitarismo: na dissolução de laços sociais e na implosão do mundo do trabalho que leva a identidade à substancialização como forma de engajamento ativo e no qual o outro é um concorrente que precisa ser eliminado.

Filipe: Onde entra as tensões que envolvem o identitarismo e o fascismo?

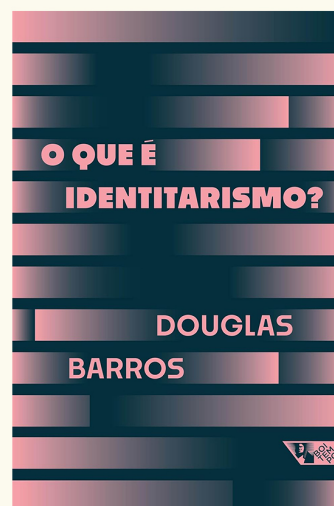
Douglas: Nenhum fascismo se projeta sem o apego apaixonado à identidade que se constitui imaginariamente em oposição à diferença. Trocando em miúdos, o identitarismo é a antecâmara do fascismo e esse é um dos grandes problemas de nossa atualidade. O fascismo (e agora o neofascismo) é a (contra)revolução no interior da ordem (ou, se preferirmos, a revolução a favor da ordem) que busca reconstituir os lugares hierárquicos a partir da essencialização identitária por meio da destruição das organizações proletárias. Não existiu nenhum identitário mais famoso do que Hitler que fazia da essencialização racial forma política. Então, se o governo estatal se reduz à gestão, e organiza a administração das identidades como forma de evitar o conflito político, há um excesso não vislumbrado pela planilha: a consolidação de um horizonte social demarcado pela identidade.

Há um curto-circuito e eu gosto sempre de lembrar que depois da constituição das repúblicas e organização da identidade nacional só em momentos de crise a identidade passa a ter peso. E o que isso significa? Entre outras coisas que a identidade essencialista encarnada pelo neofascismo aparece como uma espécie de verdade revelada do universalismo abstrato do homem universal: o homem burguês. Quando a afirmação das múltiplas identidades se desenvolve como política de gestão do conflito social (estimulando a competição entre os explorados), o resultado, em especial com o avançar da crise, é o aparecimento do identitarismo neofascista, isto é, os

os reclamos do homem burguês agora já dispensado do falso universalismo que o encobria – pode-se dizer, citando Florestan Fernandes, que “o baile continua, só que agora sem máscaras”. Assim, quando a concorrência toma o tecido social, e as formas de governo se reduzem à gestão – colocando no horizonte demandas de pertencimento marcadas por grupos identificados – não só os setores médios em declínio como também os grupos populares, fora da cobertura mitigada das políticas de identidade, se ressentem. E assim eles se tomam recrutáveis pelo neofascismo, cuja proposta é a gestão cruenta do conflito social que manda às favas as demais identidades e também o velho e abstrato universalismo. Então, quando tudo se reduz à identidade, e o espaço social está carcomido pela identitarização, assistimos o crescimento da reivindicação de uma única e exclusiva identidade, cuja preservação agora parece necessitar da eliminação do outro (numa espécie de absoluto identitário desprovido de qualquer diferença).

Filipe: Quais são os próximos passos a serem dados?

Douglas: Por enquanto tenho recebido muitos convites e rodado o Brasil falando sobre o livro. Já escrevo outro, no entanto, que abordará a questão do anti-intelectualismo de esquerda e de direita algo que, a meu ver, está totalmente vinculado aos sintomas de uma época de hiperconectividade e narcisismo exacerbado. Essas reflexões vieram a reboque de “O que é identitarismo?” e dos xingamentos que, por causa dele, me foram dirigidos tanto pela direita quanto pela esquerda. E, a meu ver, o anti-intelectualismo e o identitarismo fazem parte de um solo comum: a crise permanente do capital que abre caminhos à guerra e ao fascismo.



*“O que é identitarismo?”, de Douglas
Barros*

Editora Boitempo, 2025

Filosofia, 208 pp.

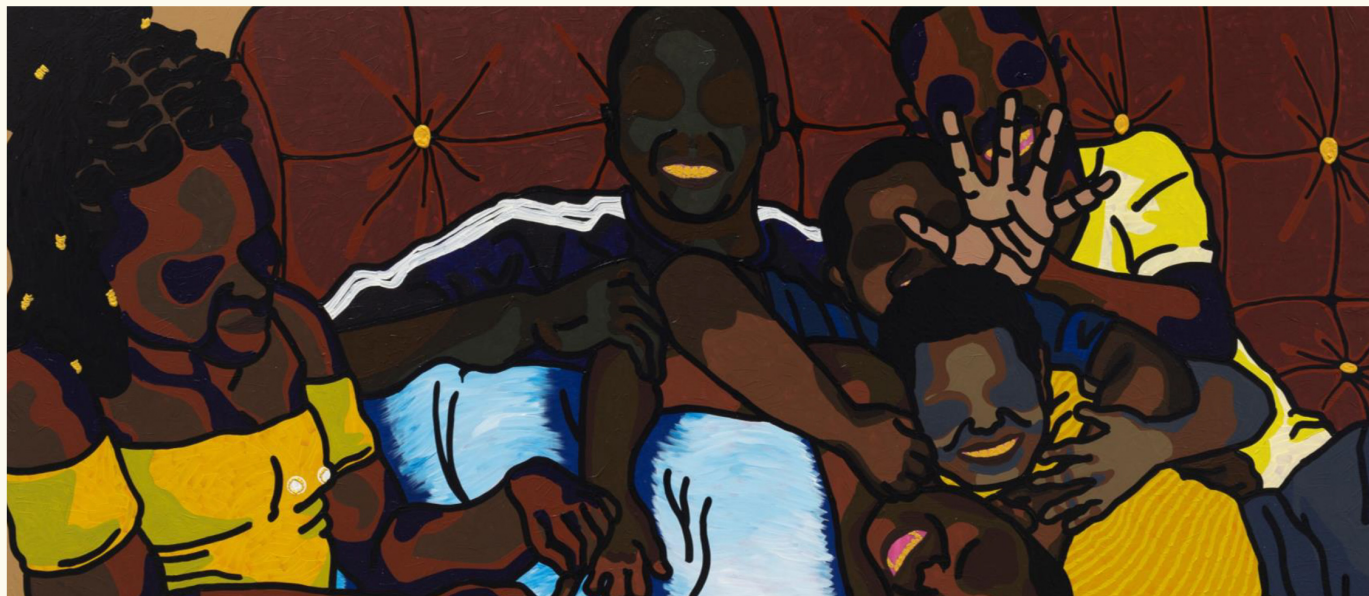
R\$ 68,00.

ENSAIO

Viagem a um lugar inventado

Hyann Pedro

Nordestino, filho da Prata/PB, batizado pelo fogo em São Paulo. Formado em letras vernáculas pela USP, graduando em hebraico na USP. Um fã de Homero, Virgílio, Gabo, Tolstoi, João Cabral de Melo Neto.



Arte de Guilherme Almeida (Reprodução)

Lá na Prata, existe uma história de quando os pais de um amigo meu resolveram voltar para a Paraíba. Fugindo do desemprego e sem dinheiro, resolveram que fariam a viagem inteira de carro. Os pais do meu amigo, animados, contaram que ele finalmente conheceria a terra na qual nasceu, que viajariam de volta para O Nordeste.

Da janela do carro, por quilômetros e quilômetros, o meu amigo esperou atento por cangaceiros, chapéus de couro, retratos de Padre Cícero, seca, xilogravuras e o chão vermelho batido. Ou talvez com qualquer coisa que lembrasse uma mistura de Cordel encantado ou com um retrato de Sebastião Salgado. E foi assim que, sem chegar a esse nordeste, meu amigo cruzou os 6 estados que separam o sul da Bahia da Paraíba.

Não que essas coisas não existam, mas acredito que elas existem ainda mais vivas no imaginário do meu amigo, do que como coisa real por fora. E talvez por isso mesmo, sejam ainda mais reais e duradouras. Alguém, algum dia, tinha dito para o meu amigo, assim como me disseram, que ele era nordestino. E é quase impossível desterrar um lugar quando ele já criou raízes na nossa lembrança, ou na falta dela, naquilo que somos e vamos nos tornando.

Walter Benjamin escreve em *O Narrador*, que há dois tipos de narradores: aquele que fica na sua terra e

dela aprende tudo, fazendo dela a matéria das suas histórias, e aquele que viaja o mundo e faz das suas viagens a substância da sua narração. Com o passar do tempo, cada vez percebo esse texto como um dos mais geniais que li, mas também vou me dando conta de que, assim como no livro de Guimarães Rosa, esse mundo é muito mais misturado do que parece.

Pois, percebo que aquele que vai embora, de alguma forma, também carrega consigo o lugar de origem e sua narração não pode ser dissociada dele, assim como o mundo que conheceu. Se Ulisses viaja pelo mundo conhecido, carrega consigo pelo caminho uma Ítaca que já não é a mesma que encontra quando retorna. A vontade de ouvir o canto das sereias e até mesmo o ato de mentir sua origem, estão ancorados na ideia da volta para um lugar vivo na sua mente.

Cees Nooteboom diz que cada pessoa carrega na sua cabeça uma pirâmide histórica, o que é impossível e, ao mesmo tempo, obrigatório. Durante muito tempo, a ideia de um Nordeste descontextualizado, folclórico e exótico me incomodara muito.

Essa mistura enviesada, sem qualquer cuidado ou estudo, sempre me transparece uma violência fingida de admiração ("quão belas são tuas tendas, oh Jacob"). Se a meia frase de Euclides da Cunha me enche de orgulho, "O sertanejo, é antes de tudo, um forte". A realidade das coisas me lembra que é importante conhecer o resto dela.

ENSAIO



Arte de Guilherme de Almeida (Reprodução)

“Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.”

Nesse mundo quase mágico onde habitavam homens que brigavam de faca, juras de morte, carne de bode, tudo isso sendo retratado em xilogravura e cordel. Similar e, ao mesmo tempo, diferente da fala genial de Gabriel Garcia Marques no seu discurso do Nobel de Literatura.

“Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e canalhas, todas as criaturas desta indomável realidade, temos pedido muito pouco da imaginação, porque nosso problema crucial tem sido a falta de meios concretos para tornar nossas vidas mais reais. Este, meus amigos, é o cerne da nossa solidão.

E se estas dificuldades, cuja essência compartilhamos, nos atrasa, é compreensível que os talentos racionais desta parte do mundo, exaltados na contemplação de sua própria cultura, se encontrem sem meios apropriados de nos interpretar.

É simplesmente natural que eles insistam em nos medir com o mesmo bastão que medem a si mesmos, se esquecendo de que as intempéries da vida não são as mesmas para todos, e que a busca pela nossa própria identidade é tão árdua e sangrenta para nós quanto foi para eles.

A interpretação de nossa realidade em cima de padrões que não são os nossos serve apenas para nos tornar ainda mais desconhecidos, ainda menos livres, ainda mais solitários.”

Sempre me pareceu que essa visão de mundo me escondia uma verdade que impactava a vida daqueles que eram obrigados a imigrar nesse sonho americano às avessas. Na qual a vida de verdade era aquela vivida ao sul do sul da Bahia, longe do mundaréu coberto de penas. Algo que para mim se torna mais forte e vivo, principalmente em um ano em que se fala de “imigrantes” ilegais, e parece que cada vez mais se esquece dos horrores do passado recente. Vale sempre lembrar, como ouvi de Filipe Figueiredo, nenhum ser humano é ilegal (por mais que possa ser irregular do ponto de vista administrativo). Imigrar é um direito humano universal, afinal, todos viemos de um imigrante e/ou somos um.

Mas eu também sei que, se por um lado, minha recusa em me reconhecer nesse lugar pitoresco, por outro, a ideia de uma cultura consolidada entorno de um lugar é algo extremamente sedutor.

É difícil saber qual a linha que diferencia o nosso orgulho, a nossa resistência a um mundo hostil que nos animaliza e nos coloca num lugar de subalternidade, na forma de uma cultura feita por e para nós, cheia de referências e que entende que o Nordeste é um mundo. De um fantasma de um passado que não existe mais, um arremedo empacado repetindo e reforçando um estereótipo, enquanto se recusa a olhar para o presente do que já não somos mais. Não ser inocente e saber que a ideia de “Nordeste” vende, e muito! Das rendas à “bença”, do chapéu de cangaceiro aos artesanatos das vitrines das lojas “cool” no Sul e Sudeste.

Mas existe algum lugar para a identidade que não possa ser etiquetado, encaixotado e comprado? E isso faz dessas coisas menos reais? Ou o capitalismo, sendo o veneno que torna até mesmo as coisas mais autênticas em produto, pode nos desabrigar do imaginário, dessa cultura?

Talvez essa seja a mensura da minha solidão. Entre os arremedos e a tentativa de segurar algo que seja real, entre as muitas ideias d’Os Sertões, talvez exista um lugar de repouso. Esse lugar habita dentro da minha memória, e é lá que todas essas coisas seguirão existindo, ainda que o tempo, a indústria cultural e tudo mais mude e embaralhe todas as referências e caminhos. Afinal de contas, o melhor lugar para encontrarmos alguém que já amamos é dentro da nossa lembrança.

Vivendo fora da Prata há mais de 10 anos, começo a perceber isso ao não reconhecer mais lugares, referências, pessoas e me dar conta de que o lugar vai se reinventando.

Afinal de contas, o Nordeste é uma invenção, é nome de livro, desenho de divisas imaginárias no mapa, leito de rios, cenário de peças de Suassuna e de novelas da Globo. O que não o faz menos real, afinal de contas, Brasília também é inventada, feita de concreto, jardins e azulejos inventados por Lúcio Costa, Athos Bulcão, Burle Marx e Niemeyer. Assim como essa língua inventada, na qual escrevo, pura poesia. Todas as bandeiras, nações, formas de governo, Estado e estados são ficções. Como são cadeiras que nos impedem de cair niilisticamente no chão concreto da cidade também inventada.

Caderno 2: Odisseia



Mariana Salomão Carrara por Davi Boaventura

ENTREVISTA COM BRENNO COSTA

A geração beat já acabou

Ewerton Ulysses Cardoso

Comunicador, designer, editor-fundador da revista O Odisseu. É ficcionista com contos publicados em antologias e graduando em Letras pela Universidade Federal da Bahia.



O poeta Brenno Costa no centro do Rio de Janeiro por Lucas Vilarinho

Brenno Costa é um desses poetas que você descobre e sente que deveria ter lido antes. Como digo na entrevista que você lê a seguir (mesmo ele não concordando com isso), trata-se de um poeta polifônico. Existem muitas vozes transitando na poesia de Brenno, o que de forma alguma nos impede de localizar a própria voz lírica dele.

E qual é? Que voz é essa? Talvez de um poeta mais cético do que triste. Mais debochado que desesperançoso. A poesia em "Samba Mudo" convoca o leitor para um passeio por um universo de inquietações com o mundo moderno, sua velocidade e os desdobramentos dessa não-vida no fazer poético. Na conversa que tive com Brenno, aproveitei para trazer os aspectos mencionados: as referências POP, o ceticismo e as diversas vozes que ecoam nessa poesia. Confira!

Ewerton: No poema 'Olheiras', você percorre um caminho sobre a poesia e a literatura, citando nominalmente artistas como Olavo Bilac e Bruna Beber. Aqui a gente consegue ver um pouco do que Mário Bortolotto escreve na orelha de 'Samba Mudo', que é a polifonia da sua poética. Fale um pouco dessas vozes que ecoam em sua poesia e como você vem costurando essas referências.

Brenno: 'Não sei se sou tão polifônico assim, haja visto que escrevi esses poemas ao longo da minha vida. São mais de 10 anos escrevendo prosa, poesia e teatro. Durante esse tempo que como todo artista, minhas influências mudaram e acabei percebendo também, que a forma como construo o texto, induz muito sobre o que eu eu tô lendo e ouvindo na época. Acho que essa ideia polifônica que o livro trás vem de poemas escritos em momentos diferentes de uma mesma vida, mas ainda assim, é achismo.

Ewerton: Ainda falando de referências, os leitores poderão encontrar em seu livro também muitas referências à cultura POP, mas também à cultura dita erudita. Essa diferenciação entre erudito e popular existe para você? Como você lida com essas referências?

Brenno: Sim, e acho que a cultura pop e a arte erudita, na maioria das vezes, estão falando da mesma coisa de maneiras diferentes e para pessoas diferentes. São artistas que chegam no mesmo lugar, mas por outras estradas e por outros veículos.

Ewerton: Seguindo sobre dicotomias (se é que podemos falar neste sentido), você também traz muito de uma dicotomia entre o sagrado e o profano, o ficar de joelhos dos religiosos e dos fetichistas, quase como se o sexo fosse algo sagrado também. Poderia falar um pouco disso?

Brenno: Eu sou uma pessoa intolerante com religiões de cunho judaico cristã. E digo isso infelizmente. De verdade, é com pesar. Acho que qualquer intolerância nos diminui como gente, como espécie, como ser racional. E isso obviamente, se reflete na minha poesia, que é o lugar onde eu tento subverter todas as minhas crenças. Eu encaro a literatura de três maneiras: fetiche, redenção e autocrítica.

Então, quando escrevo um poema como 'Prayer' e uso dessa analogia da linguagem, da fé, da culpa, da heresia e da cultura pop e mundana, percebo que no fundo (sem demagogismo) eu tô devolvendo todo o respeito que o meu eu não-poeta tem por essas pessoas que acreditam profundamente nessas religiões.

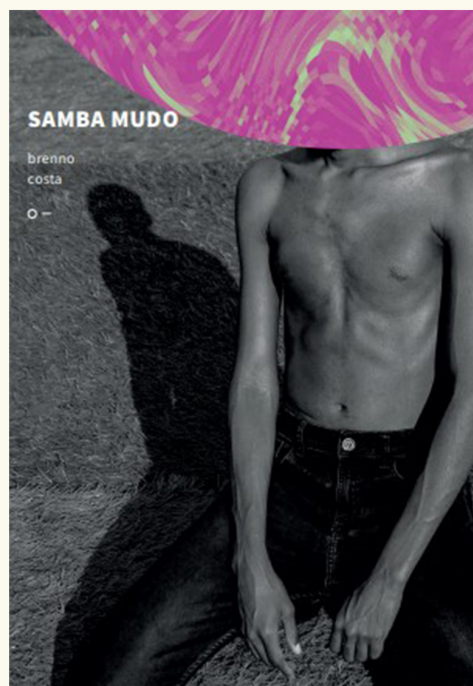
ENTREVISTA COM BRENNO COSTA

Ewerton: No excelente poema *O que os poetas acham que não importa*, a voz poética fala sobre a sua desconfiança sobre poetas “acadêmicos”, da UFRJ e da PUC. Pensando um pouco esse cenário de poesia contemporâneo em que, de fato, há um grande número de poetas que surgem no cenário da academia, você acredita que isso tem influenciado (negativa ou positivamente) o fazer poético?

Brenno: Acho que é uma influência positiva. Adoro os poetas acadêmicos. Como disse mais acima, geralmente quando eu faço esse tipo de poema rasgado, num tom rock n’ roll e dando porrada em todo mundo, esse todo mundo é, sobretudo eu. É uma autocrítica a mim mesmo, que tirando Bukowski (e por isso esse é o estilo do poema) acabo por ler em suma maioria os poetas acadêmicos das PUC, USP e UFRJ.

Ewerton: Ainda sobre este poema, a voz poética traça um perfil de artistas que desenvolvem a arte por meio de pesquisa e não de vivência. Poetas de vidas “irrepreensíveis”, algo que vai em desencontro à história da poesia em qualquer lugar no mundo. Você acha que os poetas estão ficando mais caretas?

Brenno: Acho que o trabalho do poeta é um trabalho careta e de muita lucidez. A geração beat já passou. Quer me cansar é ler um poeta se achando o Jack Kerouac ou o próprio Bukowski escrevendo sobre sexo e bebida dentro de uma aura depressiva como se estivesse inventando a roda. Isso já foi feito e muito bem feito, ponto. O poeta precisa estudar, precisa ler, precisar ESCREVER ininterruptamente. Um bom poeta hoje, para mim, é o mais careta possível. E veja bem, quando digo careta, me refiro aos poetas que preferem estudo a drogas. Aos poetas que trocam o dia e noite lendo, estudando, escrevendo, testando, escrevendo, estudando, estudando, estudando.



“Samba mudo”, de Brenno Costa
 Editora Urutau, 2025
 72 pp. R\$ 49,00

“O trabalho do poeta é um trabalho careta e de muita lucidez”

- Brenno Costa

Ewerton: O Rio de Janeiro aparece em alguns dos seus poemas, sempre como um fator importante da construção do pensamento artístico. Você também cita outros poetas cariocas e a própria tradição da poesia carioca que, até hoje, certamente é a que mais circula no país. Qual a importância da cidade em seu fazer poético?

Brenno: Com o passar dos anos, percebi que o Rio de Janeiro mora na sua gente. A poeta Maraíza Labanca diz que não é a gente que entra no mar, mas ele que nos entra. Digo o mesmo sobre o carioca, não somos nós que moramos aqui, mas ele que mora na gente.

Eu tô escrevendo um novo livro de poemas, onde o título pode vir a ser “uma cidade desmorona sob o Corcovado”, que trás uma ideia distópica e tento mostrar um Rio de Janeiro que Manoel Carlos não conhece e que Helena nenhuma morou.

Ewerton: Ainda sobre o Rio, o que você acha do cenário de poesia do Rio na contemporaneidade? Você cita alguns poetas cariocas contemporâneos em seus poemas. O que essa poesia tem te dito?

Brenno: Quando leio a Bruna Mitrão, a MC Martina, o Brunno Vianna, a Letrux, o Michel Melamed, o Pedro Rocha só me vem à mente Caetano Veloso quando diz vejo surgir teus poetas/de campos e espaços, onde ele se refere a outra cidade.

Ewerton: É possível ler, nas entrelinhas dos poemas, uma reflexão sobre a masculinidade que culmina no poema *Prece*, em que a voz poética escreve explicitamente sobre ser homem em um mundo de mulheres. E algo interessante é que você dedica o seu livro à sua mãe. Como tem sido para você elaborar a masculinidade em tempos de poéticas em que se predomina a voz feminina?

Brenno: Eu escrevi o poema *Prece* numa época que eu estava lendo e pesquisando muito sobre Vinicius de Moraes, e toda vez que releio esse poema, ouço a voz póstuma do poetinha. Acho que essa masculinidade que você cita, faz parte do livro inteiro, mesmo quando o eu lírico assume o personagem feminino, apenas pelo fato de ser um livro escrito por um homem. São coisas que nem o Chico Buarque conseguiu desligar.

Não sei se as mulheres como voz poética já predominam os espaços literários, mas tenho certeza que conquistaram espaços onde só se via homens. Quando olho para trás e vejo minhas referências sendo em sua maioria poetas homens e olho hoje, o motivo de eu ter publicado *Samba mudo* e atravessado até aqui escrevendo, são os livros que li escrito por poetas mulheres, como Ana Martins Marques, Bruna Beber, Mar Becker e etc.

CONVERSA COM MYLENA QUEIROZ

Isso não é uma entrevista (2)

Lili X

Escritora travesti, nascida no Ceará em 1997. Publicou de forma digital e independente o conto "Vento da Noite", uma releitura de "Carmilla" de Sheridan Le Fanu, disponível na Amazon.



A escritora Mylena Queiroz

Mylena é doutora em Literatura e Interculturalidade pela UEPB, com estágio doutoral na Alemanha, e atualmente leciona Teoria Literária na UECE. A entrevista que você confere agora gira em torno principalmente do seu livro que saiu pela Patuá: "Sangue de Cabra".

"As escritoras têm trazido certa desobrigação a respeito de padrões previamente estipulados"

- Mylena Queiroz

Lili: Primeiro, agradeço por aceitar o convite. Estávamos planejando isso há tanto tempo, e é uma felicidade ver sua estreia na ficção com 'Sangue de Cabra'. Para começar de um jeito um tanto clichê: quem é Mylena Queiroz e o que podemos esperar desse livro?

Mylena: Os agradecimentos são meus, Lili. Pela leitura cuidadosa, pelas perguntas, pelo interesse. Meu muito obrigada. E, bem, vejo que começamos com uma pergunta difícil. Eu diria que, sem me alongar muito, sou uma mulher do agreste pernambucano trilhando meu caminho entre risadas, laços, ensino, leituras e alguns tropeços. Sobre o que esperar do livro, gosto de repetir uma imagem: observei uma amiga enquanto ela lia alguns cortes de Sangue de Cabra. As expressões oscilavam entre olhos arregalados, risos rápidos e maneiras de demonstrar curiosidade. Deixo, assim, como aviso, que é possível que essa oscilação também ocorra com outras pessoas que lerem o livro - e, particularmente, fico feliz.

Lili: Na própria dedicatória que colocou para mim - "que nossas insurreições superem sempre nossos medos" - acho que se revela o tom geral do livro, e é um tom que tem organizado o coro de várias produções de horror escritas por mulheres nos últimos tempos, a própria epígrafe que abre o livro, extraída de "B. de bruxa" da Micheliny Verunschik também reforça isso - "irmã, comi os pés do meu último marido [...] bonitos pés. e agora vou onde quero". Você acha que o horror feito por mulheres surge, além do medo no cotidiano, como a expressão artística de um cansaço diante da sensação de pouco progresso com métodos pacíficos de insurreição?

Mylena: Gosto de pensar que muitas escritoras têm trazido com suas escritas certa desobrigação a respeito de padrões previamente estipulados. Para me fazer mais clara, penso na experimentação a respeito das representações muitas vezes engessadas do feminino (aqui propositalmente no singular) naquilo que se chama de cânone literário da América Latina até décadas passadas, majoritariamente de escrita masculina. No horror, quanto ao que podemos genericamente chamar de novo boom da escrita de autoria latino-americana, a autoria feminina tem marcado renovações - de temáticas a estéticas. Junto a isso, vem cargas sociais das diversas experiências do gênero feminino e suas pluralidades. E tudo isso pode vir com cansaços sim. Cansaço por essas representações e pelos cenários de violências, dentre outros. Pode ser também sobre os modos pacíficos de insurreições, pode ser inclusive sobre a cobrança frequente de estarmos em

CONVERSA COM MYLENA QUEIROZ

alerta. Cansaço até por nossas conquistas, ainda que poucas, serem colocadas facilmente em jogo.

Lili: Tenho a sensação de que, em muitas obras de horror escritas por mulheres, o elemento sobrenatural aparece como um suavizador do horror cotidiano, enquanto em muitas obras de homens, o sobrenatural parece ser o principal agente do medo, como se fosse preciso inventar algo a temer. Em *Dentada*, por exemplo, há frases que sugerem o monstro como uma metáfora do abuso, como em 'era só um segredinho'. Como você enxerga o uso do sobrenatural na sua obra e em outras do gênero?"

Mylene: Diria que em 'Sangue de Cabra' há momentos em que o sobrenatural se confunde com o cotidiano e há momentos em que os horrores cotidianos superam os sobrenaturais. Ao menos é da maneira que vejo. E também vejo assim obras como 'Voladoras', da equatoriana Mónica Ojeda, ou 'Pássaros na Boca', da argentina Samanta Schweblin.

Lili: Senti falta em muitas dessas obras de horror que li e amo de um terreno e sons mais familiares. Encontrei essas coisas no seu livro, mais recentemente também no 'Caminhando com os Mortos', da Michéline, e em alguns contos de Redemoinho em 'Dia Quente', da Jarid Arraes, como "O fato dos gatos". Além da Michéline, você cita a Emília Freitas que foi a primeira vez que vi a representação de um lugar que já pisei e Isabor Quintiere, que não conhecia. Quais outras referências te ajudaram a construir literariamente essa voz que diz de onde vem?

Mylene: Eu diria que, quanto à linguagem, as referências são mais do meu entorno do que literárias. Dos familiares, muito marcados pela oralidade, inclusive porque alguns dos mais velhos não chegaram a ser alfabetizados. Das amigas e dos amigos, especialmente do interior de Pernambuco e do interior da Paraíba - morei em Campina Grande por anos - cujas linguagens por vezes são marcadas por expressões que se tornam modos de nos aproximar, quase um aconchego, como dizer que vou à casa de uma amiga e ouvir "oxe, venha simhora". O que também impacta na minha linguagem cotidiana.

Lili: A ausência dessa voz sem endereço é uma das coisas que mais critico na minha própria escrita e na minha própria fala, e que acontece, infelizmente, com muitas pessoas em um campo ou outro. Costumo dizer que tive minha língua amputada. A oralidade é muitas vezes colocada em um lugar de vergonha, como se não pudesse habitar lugares de prestígio e você ocupa alguns desses lugares considerados de prestígio como a literatura, a sala de aula e a academia. O quanto esses lugares ainda são resistentes ao que foge a norma fria? Você tem esperança que esse quadro de preconceito linguístico mude algum dia?

"Quanto à linguagem, as referências são mais do meu entorno do que literárias"

- Mylena Queiroz

Mylene: Complexo. Eu diria que, quanto à academia e às salas de aulas, demorei um tempo até entender que eu não deveria me envergonhar da minha carga linguística, que aponta para um lugar e uma classe social, até porque algumas vezes pode dialogar com as dos estudantes. Isso acontece justamente porque, sim, no geral ainda são espaços marcados por conservadorismos e preconceitos linguísticos. Ainda quanto ao meio acadêmico, minha esperança é que os estudantes mais jovens não precisem dessa demora. Tanto para pensar literatura, quanto para entender o espaço de outras linguagens que não a norma padrão. E que, enquanto professores em formação, isso impacte em outros espaços. Ou seja, diria que há esperança, mas também há bastante preconceito. É isso, ir fazendo o que nos cabe.

Lili: Fiquei extremamente curiosa sobre como se deu a construção de "Maledicência", esse foi o conto que mais me fez pesquisar coisas, o que é sempre é interessante após a leitura como uma expansão. É um belo encontro de culturas e línguas. Você fez parte do seu doutorado na Alemanha, e resolveu fazer esse encontro no seu livro em terras brasileiras: Akajutibiró e o casarão dos Lundgrens. Você esteve nesses lugares? Qual a história desse lugar? E se esteve, como foi essa experiência?

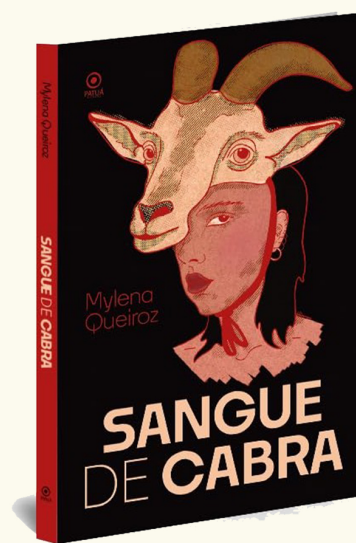
Mylene: "Maledicência" é um conto que tenho um carinho especial. Sim, estive no casarão e também em Akajutibiró. Antes de vir para o Ceará, trabalhar na UECE, eu estive como professora substituta no Campus IV da UFPB. O Campus fica no Litoral Norte paraibano, terra dos povos Potiguaras, possivelmente com o maior número de indígenas do Nordeste brasileiro. Antes de serem rebatizadas pelos colonizadores, os potiguaras chamavam suas terras de Akajutibiró, havendo hoje ainda uma aldeia assim chamada, na cidade de Baía da Traição. Bem, quando eu atuava lá houve o ENEI - Encontro Nacional de Estudantes Indígenas. Na ocasião, visitamos o casarão, que fica no local hoje chamado de Aldeia Jaraguá. Muitos locais, alguns deles estudantes das disciplinas que eu lecionava, falaram sobre como o Casarão dos Lundgrens significa etnocídio e ecocídio para os seus parentes Potiguaras. Eu poderia falar horas sobre esse assunto, pois além de ter ouvido bastante, li textos acadêmicos, como os da indígena Milena Veríssimo Barbosa, e textos literários, como os de Eliane Potiguará. Além de ter ministrado a disciplina de Literatura do Brasil Colônia e termos debatido sobre textos que marcam nossas "manifestações literárias" e na realidade são, muitas vezes, conjuntos de escritos contra indígenas, suas culturas, linguagens e costumes. Dito isso, meu carinho especial pelo conto é justamente por ser minha maneira de homenagear meus ex-alunos daquele campus.

CONVERSA COM MYLENA QUEIROZ

Lili: Por fim, ficaremos órfãos de Sangue de Cabra por um tempo. Quais livros você recomendaria para quem gostou do seu? E podemos esperar algo novo em breve?

Mylena: Creio que há muitos. Por exemplo, Rinha de Galos, de Maria Fernanda Ampuero, As coisas que perdemos no fogo, de Mariana Enriquez, e o recente O dia escuro: contos inquietantes de autoras brasileiras, coletânea com contos de autoras como Jarid Arraes e Socorro Acioli. Sobre esperar algo novo em breve, por enquanto focarei nesse primeiro momento de Sangue de Cabra, que acabou de ser lançado. O que posso antecipar é que, sim, tenho projetos literários em andamento. Por fim e mais uma vez, meu muito obrigada, Lili.

“No horror, quanto ao que podemos genericamente chamar de novo boom da escrita de autoria latino-americana, a autoria feminina tem marcado renovações – de temáticas a estéticas. Junto a isso, vem cargas sociais das diversas experiências do gênero feminino e suas pluralidades. E tudo isso pode vir com cansaços sim. Cansaço por essas representações e pelos cenários de violências, dentre outros.”



Sangue de Cabra, de Mylena Queiroz
Editora Patuá, 2025
Contos, 120 pp.
R\$ 76,00.

POESIA

5 poemas de Iris Pongeluppi

Iris Pongeluppi

Mineira de Belo Horizonte, fascinada pela arte, escreve prosa e poesia desde a infância. Autora do livro de contos Intangíveis (2018) e do livro de poesia Veemente como o Sol (2025) pela editora Minimalismos, já realizou uma exposição de poesia e participou de algumas antologias literárias. Ademais, já publicou textos (poemas e / ou contos) na Revista Barbante, Revista Lira e Beco dos Poetas.



Ciclo

Caí da escada,
Nem um hematoma
Para contar história,
Nem uma dor
Para consolar a solidão.

O pôr do Sol esquecerá
Quem somos,
Fomos beligerantes
No silêncio,
Lutamos contra os moinhos
De vento,
Looping do vazio,
Cachorros em círculos.

Usamos máscaras,
Vacinamos contra o medo,
Sequer temos
Um quartzo rosa,
Olho de tigre ou grego
Para nos proteger
de nós mesmos.

Vernissage

A periferia é tingida
de vermelho.

A pobreza emoldurada
com dor.

O medo:
Tela para a violência.

Pintura realista
Que eles não querem reparar.

Escapar

Penso
na dor alheia
Não porque sou boa.
Talvez,
porque preciso preencher as lacunas
do meu ser
e escapar de mim mesma.

Distantes da Terra

Toque meus medos e desmonte meu passado.
Sente-se aqui ao meu lado, vamos observá-los,
o presente acontece em time-lapse.

O bar está cheio:
casais que não se olham, amigos que não conversam
Ostentam que são felizes,
Preparam-se para as selfies e vídeos
enquanto a gente se beija.

Olham como se fôssemos marcianos
porque abandonamos os smartphones
para vivermos o momento
Lentamente,
Intensamente,
Ardentemente
Degustando cada sensação...

Você diz que meus olhos estão brilhando como a lua cheia
Respondo-lhe com um sorriso.

Você me entrega seu coração numa bandeja
e eu destampo a minha alma a cada garrafa de cerveja.

Eles continuam imersos no ninho virtual
Pássaros presos em redes.
Somos animais sem habitat.
Talvez estejamos em extinção
Assim como a verdade.

Agridoce

Respire incertezas
numa tarde nublada.
Coe a tristeza.
Regue as flores
da estrada
com água contaminada
de amor.
Qual a cor da paz?
Por favor, mostre-me
para tingir a verdade
que rasga meu peito de temor.
Medo de não suportar a dor
que brota n'alma
como erva daninha.
Pombos ciscam os restos
de solidão.
Cortam a linha
que limita a razão.
Luto na ânsia de me levantar
como uma violeta morta
a desabrochar.
Na tentativa de acordar
agridoces emoções
diluo o vazio que sinto
no seu sorriso.
Quero fazer dos seus braços
embarcação até o paraíso.
Perder o juízo, encontrar sentidos.
Via Láctea é seu olhar.
Transformo-lhe em sistema solar
enquanto sou Vênus
em translação.
Escondo o desejo em um porão
que você conhece
Você que abriu o portão.
Lembre-se, meu ser
permanece
no mesmo lugar
Estrelas cadentes continuam
a me visitar
mas eu já tenho uma coleção

FOTOGRAFIA

Se Deus chamar, ela não vai

Davi Boaventura

Davi Boaventura nasceu em Salvador, em 1986. Publicou "Talvez não tenha criança no céu" (2012), "Mônica vai jantar" (2019), livro finalista dos prêmios São Paulo de Literatura, AGES e Minuano e também adaptado ao teatro, e "17 de abril" (2021), publicado no Brasil e na Itália. É doutor em Escrita Criativa pela PUCRS e graduado em Comunicação Social pela UFBA. Além de trabalhar com fotografia e consultoria literária, já traduziu dez livros de ficção e um de psicanálise.

**Mariana Salomão**

Carrara é paulistana, escritora e Defensora Pública, nascida em 1986. Tem publicados um livro de contos (Delicada uma de nós – Off-Flip, 2015), e os romances Idílico (EI, 2007), Fadas e copos no canto da casa (Quintal Edições, 2017), Se deus me chamar não vou (Editora nós, 2019, entre os 10 indicados ao Prêmio Jabuti 2020, em Romance Literário), "É sempre a hora da nossa morte amém" (Editora Nós, 2021, finalista do Prêmio São Paulo 2022 e entre os 10 indicados ao Jabuti 2022), "Não fossem as sílabas do sábado" (Todavia, junho/2022, Vencedor do Prêmio São Paulo 2023, Melhor Romance do Ano) e A árvore mais sozinha do mundo (Todavia, agosto/2024).

FOTOGRAFIA

"Fiquei querendo que os livros fossem igual sanfona. Que tudo que eu escrevesse ficasse sanfonando na calçada pras pessoas ouvirem, em vez de lerem, já que ninguém sai lendo muito por aí"

Mariana Salomão Carrara
Em "Se Deus chamar, não vou"



Nosso muito obrigado aos nossos heróis apoiaadores!

**Denisson
Marcos Paulo
Heloisa Prazeres
Douglas Francisco
João Paulo Couto
Arthur M.
Francisco Rafael
Patrícia L.
Rosângela
Juliana L.
Gabriela Carneiro
Aristóteles
Marielson C.
Nicole H.
Frank Kevin
Luciana K.
Jhanade L
Aline S.**

R\$ 357 arrecadação estimada por mês

Meta: R\$ 500 por mês (71.4% alcançada)

20 pessoas apoiando

**Nossa campanha está em 71,4% da
meta estabelecida! Ajude-nos a
chegar em 100%**

**TORNE-SE UM APOIADOR DA
REVISTA O ODISSEU A PARTIR
DE R\$5!**

Entre as recompensas para apoiadores estão
o acesso a cursos inéditos, clubes do livro
exclusivos e brindes personalizados. Acesse o
link (Qr Code ao lado) e saiba mais!



Expediente

**Equipe Editorial: Aline Félix, Caio Paiva Ribeiro, Carol
Antunes Ewerton Ulysses Cardoso e Pedro Henrique
Rodrigues**

Curadoria da edição: Ewerton Ulysses Cardoso

Diagramação: Ewerton Ulysses Cardoso

**Revisão: Carol Antunes, Esther Dantas, Ewerton Ulysses
Cardoso, Matheus Xavier e Pedro Henrique Rodrigues.**

Arte de Capa: Maicon Aquino